

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

AUGUSTO LAZZARI FONSECA

**MESMA ELEIÇÃO, MESMO PARTIDO: EXPECTATIVAS DE VOTO DIFERENTES**

Uma análise da base eleitoral do Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais de 2018 representada nas candidaturas de Lula e Fernando Haddad

Porto Alegre

2023

Augusto Lazzari Fonseca

**MESMA ELEIÇÃO, MESMO PARTIDO: EXPECTATIVAS DE VOTO DIFERENTES**

Uma análise da base eleitoral do Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais de 2018 representada nas candidaturas de Lula e Fernando Haddad

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Simoni Junior

Porto Alegre

2024

### CIP - Catalogação na Publicação

Lazzari Fonseca, Augusto  
MESMA ELEIÇÃO, MESMO PARTIDO: EXPECTATIVAS DE VOTO  
DIFERENTES: Uma análise da base eleitoral do Partido  
dos Trabalhadores nas eleições presidenciais de 2018  
representada nas candidaturas de Lula e Fernando  
Haddad / Augusto Lazzari Fonseca. -- 2024.  
62 f.  
Orientador: Sergio Simoni Junior.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em  
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. eleições 2018. 2. transferência de votos. 3.  
Lula. 4. Haddad. 5. PT. I. Simoni Junior, Sergio,  
orient. II. Título.

Augusto Lazzari Fonseca

MESMA ELEIÇÃO, MESMO PARTIDO: EXPECTATIVAS DE VOTO DIFERENTES  
Uma análise da base eleitoral do Partido dos Trabalhadores nas eleições  
presidenciais de 2018 representada nas candidaturas de Lula e Fernando Haddad

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial à obtenção do título de  
bacharel em Ciências Sociais do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Simoni Junior

Aprovado em: Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

---

Professor Doutor Sergio Simoni Junior  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Professora Doutora Jennifer Azambuja de Moraes  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Professor Doutor Fabio Lacerda Martins da Silva  
Ibmec-SP e FEI

À minha família: a base e fundação de tudo que  
construí até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha família pelo apoio durante os anos da graduação e que, obviamente, continua sendo dado para que eu consiga cumprir com meus objetivos. Agradeço também, ao departamento de Ciência Política da UFRGS pelo auxílio de todos os professores que passaram por mim em minha vida acadêmica. De forma mais abrangente, agradeço a todo o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela estrutura que possibilitou minha formação em um sistema totalmente gratuito e de qualidade indiscutível, tanto em termos pessoais como materiais. Ao meu orientador, finalmente, professor Sergio Simoni Junior, meu muito obrigado pelo auxílio acadêmico em todos os momentos.

“A comunicação é a alma. Se não está conseguindo falar a língua do povo vai perder mesmo. Falar bem do PT para a torcida do PT é fácil. Tem uma multidão que não está aqui que deveria ser conquistada.” – Mano Brown

## RESUMO

O presente trabalho busca entender se a diferença entre as intenções de voto em Lula e Haddad, como cabeças de chapa do Partido dos Trabalhadores, implica em mudanças nas composições de suas respectivas bases eleitorais, no pleito presidencial de 2018. Utilizando duas pesquisas de opinião – “A Cara da Democracia”, do Instituto da Democracia (de março de 2018) e o survey de véspera do primeiro turno do Datafolha (de outubro) – e tratando-as no software SPSS, com o uso de cruzamentos bivariados, sustento a hipótese principal de que o motivo da derrota do PT seria a dificuldade da legenda em transmitir os votos de Lula para Haddad, visto que na segunda pesquisa referida, os cortes em que Haddad vai melhor (tradicionalmente bases fortes do Partido dos Trabalhadores), em geral, têm números consideravelmente maiores de votos inválidos e abstenções, algo que não acontecia em março. Adicionalmente, este texto trata de outras questões envolvendo as eleições de 2018, os objetivos secundários, que têm como hipóteses: a constância da característica do eleitorado de Lula na comparação com pleitos anteriores do PT; a manutenção de Bolsonaro de suas bases eleitorais entre março e outubro, apenas com aumento do apoio conquistado; a disputa por parte do eleitorado petista, protagonizada pelos demais candidatos. Todas as hipóteses, tanto a principal, como as adjacentes, são confirmadas no presente texto.

**Palavras-chave:** Eleições 2018; Transferência de votos; Lula.

## **ABSTRACT**

This paper tries to understand if the difference between the voting intentions in Lula and Haddad, as competitors for Partido dos Trabalhadores, translates in changes on the compositions of their respective electoral bases, in the 2018 elections. Using two opinion polls – “A Cara da Democracia”, made by Instituto da Democracia (from March of 2018) and the survey of the day before the First terms from Datafolha (in October) – and treating both at the SPSS software, using bivariate crossing, I argue, as the main hypothesis, that the reason for the PT's defeat would be the difficulty of the party to pass Lula's votes to Haddad, as in the last survey the electorate cuts in which Haddad is better than Bolsonaro (traditionally where the Partido dos Trabalhadores has strong bases), generally, have considerably more invalid or abstention votes, something that did not happened in March. Additionally, this paper seeks to explain other issues involving the 2018 elections, the secondary objectives, which have the following hypothesis: the constant characteristics of Lula's electorate when compared to the previous elections of PT; Bolsonaro's maintenance of his electoral bases, just in larger proportions, between March and October; the dispute for PT's share of the electorate concerning the other candidates. These three secondary hypothesis, as well as the main one, are confirmed in this text.

**Palavras-chave:** 2018 elections; Transfer of votes; Haddad.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Intenção de voto (condensados) Lula * Renda familiar mensal .....	20
Tabela 2 – Intenção de voto (condensados) Lula * Escolaridade .....	22
Tabela 3 – Intenção de voto (condensados) Lula * Sexo .....	24
Tabela 4 – Intenção de voto (condensados) Lula * Região .....	24
Tabela 5 – Intenção de voto (condensados) Lula * Zona residencial .....	26
Tabela 6 – Intenção de voto (condensados) Haddad * Renda familiar mensal .....	28
Tabela 7 – Intenção de voto (condensados) Haddad * Escolaridade .....	29
Tabela 8 – Intenção de voto (condensados) Haddad * Faixa etária .....	31
Tabela 9 – Intenção de voto (condensados) Haddad * Sexo .....	32
Tabela 10 – Intenção de voto (condensados) Haddad * Região .....	34
Tabela 11 – Intenção de voto (condensados) Haddad * Capital ou interior .....	36
Tabela 12 – Intenção de voto (condensados) Haddad * Porte de município .....	37
Tabela 13 – Intenção de voto (principais candidatos) * Renda familiar mensal .....	46
Tabela 14 – Intenção de voto (principais candidatos) * Escolaridade .....	48
Tabela 15 – Intenção de voto (principais candidatos) * Faixa etária .....	50
Tabela 16 – Intenção de voto (principais candidatos) * Sexo .....	52
Tabela 17 – Intenção de voto (principais candidatos) * Região .....	54
Tabela 18 – Intenção de voto (principais candidatos) * Capital ou interior .....	55

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSL – Partido Social Liberal

PT – Partido dos Trabalhadores

REDE – Rede Sustentabilidade

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1 REFERENCIAL TEÓRICO .....	13
1.2 JUSTIFICATIVA .....	16
1.3 OBJETIVOS .....	17
1.4 METODOLOGIA E HIPÓTESES .....	17
<b>2. DESENVOLVIMENTO</b> .....	<b>20</b>
2.1 LULA “CONTRA” HADDAD EM 2018 .....	20
<b>2.1.1 A base eleitoral de Lula em 2018</b> .....	<b>20</b>
<b>2.1.2 A base eleitoral de Fernando Haddad em 2018</b> .....	<b>27</b>
<b>2.1.3 Discussão da hipótese principal</b> .....	<b>37</b>
2.2 DEMAIS HIPÓTESES .....	42
<b>2.2.1 Eleitorado de Lula em 2018 comparado à base eleitoral do Partido dos Trabalhadores em pleitos anteriores</b> .....	<b>42</b>
<b>2.2.2 Diferenças entre a disputa de Bolsonaro com Lula e Haddad</b> .....	<b>44</b>
<b>2.2.3 Os outros candidatos</b> .....	<b>45</b>
<b>3. CONCLUSÃO</b> .....	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>60</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A eleição presidencial de 2018, no Brasil, que consagrou Jair Bolsonaro como novo comandante do poder executivo surpreendeu muitos analistas políticos do país. Entre os diversos acontecimentos que ocorreram ao longo da campanha presidencial (particularmente movimentada), um me chama a atenção, em particular, por parecer decisivo para o resultado final: a prisão de Lula em abril seguido pela sua exclusão como candidato presidencial, pelo TSE, em 1º de setembro (Ramalho; Oliveira, 2018) após menos de um mês depois do início da campanha (15/08) e pouco mais de trinta dias antes do primeiro turno (07/10), o que suscita a possibilidade de comparação entre as bases eleitorais de Lula e Haddad em uma mesma eleição. No que diz respeito a um resultado esperado até este acontecimento, uma pesquisa de opinião do instituto Datafolha, da metade de agosto, dava larga margem de vitória para Lula, ainda que não em primeiro turno (G1, 2018). Levando em consideração essa possibilidade, o objetivo do presente trabalho é, justamente, entender se a diferença entre as intenções de voto em Lula e Haddad, como cabeças de chapa do Partido dos Trabalhadores, implica em mudanças nas composições de suas respectivas bases eleitorais. A pergunta de pesquisa, portanto, é: qual a diferença entre as bases eleitorais de Lula e Haddad, candidatos à presidência pela mesma legenda, em um mesmo pleito, mas em momentos diferentes, tendo em vista que o primeiro, de acordo com os institutos de pesquisa da época, ganharia de Bolsonaro, e o segundo perdeu?

### 1.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Entre os fatores utilizados como explicação para a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, um dos fenômenos mais estudados é a presença do “antipetismo”. Para Fuks et al. (2020), o antipetismo é um fator explicativo que tem relevância considerável no voto para Bolsonaro, mesmo que, de maneira geral, o antipartidarismo tenha uma capacidade explicativa também importante. No caso de Nicolau (2020), sua conclusão é mais direta ainda: “Em 2018, ser antipetista significou ser bolsonarista.” (p. 124). Nesse sentido, o autor argumenta que, enquanto 10% do eleitorado seria petista, o número de antipetistas seria cerca de três vezes maior (p. 82 e 83). A escolaridade seria associada, para Jairo Nicolau, ao antipetismo: quanto maior a escolaridade, maior a probabilidade do eleitor ser antipetista, em 2018 (p. 84).

Em eleições anteriores, contudo, o antipetismo já havia sido observado e constatado como um preditor de significância em pleitos presidenciais. Em Paiva et al. (2016), é detectado que o eleitor antipetista é diferente do eleitor antipartidário (este último se colocando entre o petista e o antipetista em termos de votos na legenda de Dilma, à época), além de o eleitor antipetista ser, sociologicamente, bem delimitado como tendendo a ter maior renda e mais anos de escolaridade, em relação aos indivíduos que são contra todos os partidos (p. 651). Ainda no mesmo texto, as autoras ressaltam que o eleitor antipetista tende não só a ter uma avaliação do governo passado (no caso, o de Dilma) pior que os demais, como parecem gostar mais do PSDB (p. 666). Ribeiro et al. (2016) colocam que “o antipetismo se mostrou recorrentemente relevante diante de controles como escolaridade, sexo e idade” (p. 629), ressaltando que esta marca, além de carregar os fatores sociodemográficos que o aproximam dos eleitores do PSDB, que são brancos, mais velhos e de alta escolaridade (p. 621), possui uma boa capacidade de predição com os controles sobre outras variáveis, ou seja, tem importância por si, além das demais. Borges e Vidigal (2018), por sua vez, trazem a noção de que os antipetistas independentes (que rejeitam o PT, mas não têm identificação partidária), pelo menos até o início de 2018, não se agrupavam ao redor da extrema-direita, mas tenderiam a votar no terceiro candidato mais forte nos pleitos, como Anthony Garotinho, em 2002, ou Marina Silva, em 2010 e 2014 (p. 78), ao passo que os eleitores “indiferentes” (que não aprovam e nem rejeitam qualquer partido) tendem a se dividir entre PT e PSDB no segundo turno, pelo menos até a publicação do artigo, sem migrarem para a extrema-direita. Finalmente, Samuels e Zucco (2018) em uma série de testes para entender as características e a força do antipetismo e do antipartidarismo, no Brasil, chegam à conclusão de que estes fenômenos importam, sim, na forma como o brasileiro vota, ou seja, são fatores significativos para a predição do voto. Nesse sentido, os autores argumentam que “os resultados [...] sugerem que os acadêmicos deveriam levar o antipartidarismo muito mais a sério do que vêm fazendo.” (2018, p. 157, tradução do autor).

Outra conceituação relevante para o desenvolvimento do trabalho é a do termo “lulismo”. Um texto que não utiliza a palavra, em si, “lulismo”, mas que, de certa maneira, é precursor da linha de teorias realizadas na academia brasileira sobre o assunto é o de Nicolau e Peixoto (2007). Neste artigo, os autores argumentam que a base eleitoral de Lula, na comparação entre 2002 e 2006 teria se “invertido” (e o mesmo, mas ao contrário, ocorreria com o PSDB, como resultado disso). Assim, se em 2002 Lula tenderia a ter mais de votos em cidades maiores, com melhores indicadores sociais (IDH, taxa de

analfabetismo, expectativa de vida), em 2006 Lula alcança uma votação proporcionalmente maior nas cidades com piores indicadores sociais (com o tamanho do município, em si, perdendo a relevância) e, o ponto que seria explicativo desta mudança para Nicolau e Peixoto, sua vitória parece ser maior em cidades na qual o Programa Bolsa Família era mais presente. O Nordeste, por sua vez, passa a ser um reduto eleitoral do PT, de acordo com Nicolau e Peixoto, apenas a partir de 2006, portanto. Com uma investigação que segue em sentido semelhante, ou seja, diferenciando as eleições de 2002 e 2006 no que diz respeito à base eleitoral de Lula, Singer (2012) aponta para um realinhamento ideológico do eleitorado, causado, por um lado, pelo “abandono” a Lula pelos setores médios, escolarizados e da região Sudeste (predominantemente), após o escândalo do Mensalão em 2005, ao mesmo tempo em que, por outro, em decorrência do desenvolvimento da sua capacidade de consumo (com o Programa Bolsa Família e o aumento real do salário mínimo, por exemplo), setores de renda mais baixa, predominantemente do Nordeste, aderem ao programa petista, que acaba por compensar as perdas do primeiro setor com os ganhos do segundo. Desta forma, para Singer:

O lulismo, que emerge junto com o realinhamento, é, do meu ponto de vista, o encontro de uma liderança, a de Lula, com uma fração de classe, o subproletariado, por meio do programa cujos pontos principais foram delineados entre 2003 e 2005: combater a pobreza, sobretudo onde ela é mais excruciante tanto social como regionalmente, por meio da ativação do mercado interno, melhorando o padrão de consumo da metade mais pobre da sociedade, que se concentra no Norte e Nordeste do país, sem confrontar os interesses do capital. (2012, p. 15 e 16).

Outro fator importante do texto de Singer é sua avaliação da manutenção das bases eleitorais promovidas pelo PT, na relação com Lula. O autor aponta que as eleições de 2006 representaram uma desconexão entre a base petista (de voto da legenda no legislativo) e a lulista (de voto no executivo nacional), já que a primeira acompanharia os mesmos padrões da votação presidencial do partido de 2002, ao passo que a segunda teria a virada já mencionada anteriormente, tendo o partido, em seguida, abarcado o projeto lulista e, de forma bem-sucedida, conseguido colocar em Dilma, conseqüentemente, o “carimbo” de sucessora de Lula (2012, p. 74). Em outro trabalho, Singer (2018) propõe que Dilma aprofundou a lógica lulista, de pacto conservador e reforma gradual, contudo, tendendo a buscar uma solução para a corrupção, simbolizada no PMDB, que se sentiu deslocado e iniciou as tratativas com outros partidos para

articular o impeachment. Essa formulação de Singer é por ele batizada de “ensaio republicano” (2018, p. 185).

Sobre o petismo, outro conceito relevante é formulado por Samuels (2004). O autor argumenta que o Partido dos Trabalhadores, após sua primeira vitória, no pleito de 2002, parecia não estar

[...] inteiramente livre de sua conexão a um único líder político, como acontece nos EUA, por exemplo, onde os dois maiores partidos podem apresentar um candidato à presidência mais ou menos competitivo independentemente de quem possa ser esse candidato. É claro que, em relação aos outros partidos, a situação do PT é bastante boa. Ou seja, os outros partidos dependem *ainda mais* de personalidades políticas para seu nível mínimo de identificação partidária do eleitorado. (p. 239).

Nesse sentido, a simpatia pelo Partido dos Trabalhadores seria consequência do apreço pela figura de Lula, ainda que a legenda importe mais, proporcionalmente, que para eleitores de candidatos concorrentes (à época). Em um trabalho posterior, Samuels e Zucco (2014) aprofundam a tese do texto anterior, definindo o petismo como mais capilarizado que as demais agremiações políticas e classificando os petistas como “ativistas pragmáticos” (p. 153).

Rennó e Cabello (2010) se contrapõem tanto à tese de realinhamento eleitoral de Singer (2012 e 2018), quanto à de um personalismo evidente na figura de Lula, presente em Samuels (2004), ambas discutidas acima. No caso de Rennó e Cabello, os autores defendem que a avaliação retrospectiva do primeiro governo Lula é o principal motivo encontrado para votar no candidato petista, ou seja, nem questões ideológicas, nem de afeto por uma liderança, em particular (2010, p. 53).

Finalmente, o texto de Junge et al. (2022) busca identificar se a mobilidade social dos indivíduos que ascenderam economicamente (e em termos de qualidade de vida) nos dois primeiros mandatos de Lula e no início dos de Dilma (2003-2011), mas que tiveram perdas com a crise que se seguiu (2011-2016) têm maior tendência a serem antipetistas. O resultado da pesquisa indica que há, sim, uma correlação entre os dois fatores e que, conseqüentemente, a eleição de Bolsonaro pode ter sido influenciada por esse fenômeno, visto que o sentimento antipetista aumentou (p. 23).

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Do ponto de vista da justificativa acadêmica, acredito que a abordagem é original no sentido de questionar a relevância dos sentimentos antipetistas. Desta forma, não se

trata, obviamente, de desacreditizar as teorias anteriores que ressaltam a importância desse fator como preditor de votos para Bolsonaro em 2018 (Nicolau, 2020; Fuks et al., 2020), mas sim refletir se essa característica afetaria os votos em Lula da mesma maneira que afetou Haddad e, a partir daí, para estudos futuros, colocar em pauta se Lula seria um “caso à parte” quando falamos em votos antipetistas.

### 1.3 OBJETIVOS

O principal objetivo é entender se a diferença entre as intenções de voto em Lula e Haddad, como cabeças de chapa do Partido dos Trabalhadores, implica em mudanças nas composições de suas respectivas bases eleitorais, no pleito presidencial de 2018. Caso negativo, pode-se conjecturar que uma das razões para a vitória de Bolsonaro seria um menor período de campanha do segundo na comparação com o primeiro. Os objetivos secundários incluem: 1) verificar se a base eleitoral de Lula seguia, até o impedimento de sua candidatura, os padrões recentes dos votos no PT para as eleições presidenciais (a partir de 2006, seguindo em 2010 e 2014), que eram caracterizados, por exemplo, pela concentração de votos no Nordeste, entre as classes mais baixas e sem vantagens em zonas urbanas ou rurais; 2) compreender se a base eleitoral de Bolsonaro se modificou substancialmente em algum corte específico (de faixa salarial, escolaridade, idade, ou outros fatores sociodemográficos) antes e depois da troca dos candidatos do PT; 3) investigar se algum dos outros candidatos teve, em primeiro turno, uma mudança substancial na característica (ou mesmo na quantidade) de seus eleitores, decorrente da migração de votos do candidato petista impedido de concorrer.

### 1.4 METODOLOGIA E HIPÓTESES

O material empírico consiste, essencialmente, no uso de dois grupos de pesquisas de opinião: o primeiro consiste na onda do survey “A Cara da Democracia”, do Instituto da Democracia, que colocou Lula entre os possíveis candidatos em março de 2018, quando este ainda não havia sido preso; o segundo consiste em uma pesquisa do instituto Datafolha (de primeiro turno) disponível no banco de dados do CESOP, portal da Unicamp. Todos os dados serão tratados com o uso do software SPSS, utilizando testes de cruzamentos bivariados para a obtenção de informações pertinentes para a pesquisa. Assim, a pesquisa possui um viés quantitativo, visto que tratará os bancos de dados a

partir de uma perspectiva menos aprofundada (em cada caso individual) e mais abrangente, numericamente. O universo pesquisado por ambas as pesquisas contempla toda a população apta a votar no Brasil, no contexto das eleições de 2018 e as amostras variam de acordo com cada banco de dados, tendo a pesquisa “A Cara da Democracia” 2.500 entrevistados e a do Datafolha (de véspera) 19.535. Essa diferença de amostragem faz com que os dados do survey que possui uma quantidade maior de respondentes tenha, por consequência, uma maior precisão e testes estatísticos mais confiáveis (pelo menos no caso desse trabalho).

Duas questões são importantes de serem ressaltadas, também, ainda no que diz respeito às pesquisas de opinião: primeiramente, é impossível sabermos, obviamente, se Lula ganharia as eleições, portanto levamos em consideração, aqui, que, de acordo com o survey do Instituto da Democracia, o petista era o favorito até março; outra problemática é que, quando me refiro no presente trabalho às “bases eleitorais” dos candidatos, não quero dizer que capto a porcentagem eleitoral total destes, mas apenas a proporção das características eleitorais de cada um no momento da realização das pesquisas (uma amostra estatística, como coloquei anteriormente).

As dimensões analisadas, em termos de variáveis que irão ser discutidas em todas as hipóteses seguintes (dentro das limitações estatísticas), serão: renda familiar mensal, escolaridade, faixa etária, sexo, região de moradia e se a cidade do entrevistado é uma região urbana ou rural. Vale ressaltar que a primeira pesquisa (do Instituto da Democracia – A Cara da Democracia) não inclui cenários de segundo turno, tornando a comparação, invariavelmente, apenas entre possibilidades de primeiro turno. Os testes serão realizados com as versões de ambas as pesquisas em que as respostas são as estimuladas (não as espontâneas), ou seja, os candidatos são apresentados aos entrevistados e estes escolhem entre as opções, previamente definidas pelo entrevistador.

Com relação ao objetivo principal, de compreender a diferença entre as bases eleitorais de Lula e Haddad, a hipótese é que o conjunto de eleitores que votaria em Lula, de acordo com as pesquisas de opinião prévias à retirada de sua candidatura, mantém suas características sociodemográficas semelhantes, apenas em menor escala (visto que Lula ganharia de Bolsonaro no segundo turno e Haddad perdeu). Esta é a primeira hipótese.

Com relação aos objetivos complementares, as hipóteses são as seguintes: o apoio a Lula em 2018, com comparação com pleitos anteriores, mostraria uma

continuidade da base eleitoral do PT em termos sociodemográficos; Bolsonaro manteria cortes semelhantes do eleitorado considerando as duas pesquisas, apenas crescendo proporcionalmente; finalmente, sobre os demais candidatos, a hipótese é de que os demais presidenciáveis capturaram alguma parte dos votos que eram (inicialmente) petistas.

No que diz respeito às leituras das tabelas, em si, podemos colocar que o que vai balizar a interpretação do trabalho, no contexto em que me proponho a fazê-lo, é, além dos números absolutos em cada cruzamento estatístico, o “adjusted residual”, que demonstra a diferença entre a proporção esperada (se os números fossem distribuídos de forma homogênea) e a que ocorre de fato no cruzamento referido em cada caso. Essa estatística permite que seja possível interpretar se o cruzamento analisado tem algo que torne sua proporção enviesada, ou seja, em termos mais simples, se o “adjusted residual” estiver acima de 2,0 ou abaixo de -2,0, podemos dizer que os dados dessa variável apresentam “anomalias” proporcionais, que são decorrentes de algum fenômeno, no caso de pesquisas de opinião, da realidade social (que tentarei, então, pontuar em cada situação).

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 LULA “CONTRA” HADDAD EM 2018

Nesta seção, me dedico a investigar a pertinência da hipótese principal, que propõe que a base de votação do PT se mantém parecida, apenas proporcionalmente menor em todos os cortes.

A expectativa, portanto, a respeito das bases eleitorais de Lula e Haddad, é de que ambas mantenham as características das de Dilma nos pleitos anteriores, simbólicas da expressão do PT desde 2006 (pelo menos no âmbito presidencial).

#### 2.1.1 A base eleitoral de Lula em 2018

Para isolar Bolsonaro e Lula, e simplificar a observação, colocarei a soma dos outros citados na pesquisa (Alckmin, Álvaro Dias, Cabo Daciolo, Ciro Gomes, Eymael, Guilherme Boulos, Haddad, Henrique Meirelles, João Amoêdo, João Goulart Filho, Marina Silva, Vera Lúcia, Michel Temer, Fernando Collor, Manuela D’Ávila e Rodrigo Maia) como “outros”. Também mantive as categorias “branco e nulo” e “não sei/não votaria/não respondeu”. Para simplificar, utilizei como critério de significância o patamar de 5%. As variáveis que não mostrem associação significativa serão relatadas mas não exibidas tabelas com esses resultados.

No geral, primeiramente, vale apontar que Lula “ganha” nesse cenário de primeiro turno com 32,8% contra 14,8% de Bolsonaro, ou seja, uma margem confortável de vantagem.

Para efeitos de comparação, as categorias salariais acompanharão as utilizadas por Singer (2012), que compõem: até 2 salários mínimos; de 2 a 5 salários mínimos; de 5 a 10 salários mínimos; mais de 10 salários mínimos.

Iniciando pela renda familiar média, observamos que há na Tabela 1 uma vantagem estatisticamente significativa de Lula na faixa de até 2 salários mínimos, apesar de uma perda considerável, proporcionalmente, acima de 5 salários mínimos.

Tabela 1 – Intenção de voto com os demais candidatos condensados em “outros” \* Renda familiar mensal

Crosstabulation

	Renda familiar mensal	Total

			Até 2 SM	De 2 a 5 SM	De 5 a 10 SM	Mais de 10 SM	
Intenção de votos com os demais candidatos condensados em "outros"	Bolsonaro	Expected Count	169,1	80,6	55,2	64,1	369,0
		% within Renda familiar mensal	12,3%	16,1%	18,4%	16,4%	14,8%
		Adjusted Residual	-3,2	1,0	2,2	1,0	
	Lula	Expected Count	376,3	179,3	122,8	142,5	821,0
		% within Renda familiar mensal	38,7%	31,9%	24,9%	25,6%	32,8%
		Adjusted Residual	5,7	-,5	-3,6	-3,5	
	Outros	Expected Count	188,9	90,0	61,6	71,5	412,0
		% within Renda familiar mensal	14,7%	17,6%	19,5%	17,3%	16,5%
		Adjusted Residual	-2,3	,8	1,7	,5	
	Branco/Nulos	Expected Count	201,2	95,9	65,7	76,2	439,0
		% within Renda familiar mensal	17,5%	17,8%	17,4%	17,7%	17,6%
		Adjusted Residual	-,1	,1	-,1	,1	
	Não votaria/Não sabe/Não Respondeu	Expected Count	210,4	100,2	68,7	79,7	459,0
		% within Renda familiar mensal	16,9%	16,7%	19,8%	23,0%	18,4%
		Adjusted Residual	-1,7	-1,2	,8	2,8	
Total	Expected Count	1146,0	546,0	374,0	434,0	2500,0	
	% within Renda familiar mensal	100,0	100,0%	100,0%	100,0%	100,0	
		%				%	

Essa característica da votação no candidato petista coincide com o que vinha sendo observado em situações anteriores, com Dilma. Ainda assim, Lula vence em todos os cortes de renda na comparação com Jair Bolsonaro. Singer (2018) aponta que, com Dilma, em 2014, o PT “só ganhou no estrato de baixíssima renda” (p. 163) – de até 2 salários mínimos. Portanto, é possível colocar que Lula se posicionava, pelo menos até março de 2018, para uma votação melhor que a de Dilma em 2014, no que pese a falta de uma estimativa de segundo turno da tabela. Outro ponto importante, que acaba por prejudicar a votação de Bolsonaro nesse ponto, é que, como a campanha não havia oficialmente iniciado, um candidato que nunca tinha disputado um pleito nacional teria uma desvantagem importante frente a uma força eleitoral como Lula (que disputava campanhas presidenciais desde 1989). O candidato do PSL, vale ressaltar, vai melhor, de maneira proporcional, na faixa de 5 a 10 salários mínimos, com significância estatística.

Sobre a escolaridade, o padrão é o demonstrado na Tabela 2 (abaixo). Proporcionalmente, podemos notar que Bolsonaro tem uma desvantagem significativa entre os eleitores de ensino fundamental completo/incompleto e uma vantagem entre os de ensino superior completo/incompleto ou técnico completo, ao passo que, com Lula, os padrões se invertem: vantagem significativa entre os de ensino fundamental completo/incompleto e desvantagem entre os de ensino superior completo/incompleto ou técnico completo. Outro fator que é interessante aqui é a diferença de apenas três por cento entre Bolsonaro e Lula entre os eleitores de ensino superior completo/incompleto, em que o primeiro possui uma vantagem proporcional e o segundo uma desvantagem, que contrasta com a diferença total entre os dois de dezoito pontos percentuais, ou seja, bem maior no agregado.

A ausência, dentro do grupo dos outros candidatos, de alguma diferença significativa proporcional em um dos cortes de escolaridade acaba por demarcar, de forma ainda mais definitiva, que a polarização social se dava entre Bolsonaro e Lula.

**Tabela 2 – Intenção de voto com os demais candidatos condensados em "outros" \* Escolaridade do entrevistado Crosstabulation**

			Escolaridade do entrevistado					Total
			Analfabeto	Fundamental completo/incompleto	Médio completo/incompleto	Superior completo/incompleto ou técnico completo	Pós graduação ou mais	
Intenção de votos com os demais candidatos condensados em "outros"	Bolsonaro	Expected Count	2,7	172,1	130,8	58,9	4,6	369,0
		% within	11,1%	12,7%	15,7%	18,5%	19,4%	14,8%
		Escolaridade do entrevistado						
		Adjusted Residual	-,4	-2,7	1,0	2,3	,7	
	Lula	Expected Count	5,9	382,9	291,0	131,0	10,2	821,0
		% within	50,0%	37,7%	31,2%	21,6%	35,5%	32,8%
		Escolaridade do entrevistado						
		Adjusted Residual	1,6	4,8	-1,3	-5,2	,3	
	Outros	Expected Count	3,0	192,2	146,0	65,8	5,1	412,0
		% within						
		Escolaridade do entrevistado						
		Adjusted Residual						

	% within	16,7%	15,5%	16,5%	19,5%	12,9%	16,5%
	Escolaridade do entrevistado						
	Adjusted	,0	-1,2	,0	1,8	-,5	
	Residual						
Branco/Nulos	Expected Count	3,2	204,7	155,6	70,1	5,4	439,0
	% within	11,1%	18,4%	15,9%	19,3%	12,9%	17,6%
	Escolaridade do entrevistado						
	Adjusted	-,7	1,1	-1,6	1,0	-,7	
	Residual						
Não votaria/Não sabe/Não Respondeu	Expected Count	3,3	214,1	162,7	73,3	5,7	459,0
	% within	11,1%	15,7%	20,8%	21,1%	19,4%	18,4%
	Escolaridade do entrevistado						
	Adjusted	-,8	-3,2	2,3	1,5	,1	
	Residual						
Total	Expected Count	18,0	1166,0	886,0	399,0	31,0	2500,0
	% within	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Escolaridade do entrevistado						

No que diz respeito à faixa etária, utilizo as mesmas categorias encontradas em Nicolau (2020), que são: 16-24 anos; 25-34 anos; 35-44 anos; 45-54 anos; 55 a 64 anos; 65 anos ou mais (as três últimas sofreram uma modificação em relação ao trabalho de Nicolau por conta da pesquisa utilizada, que divide a partir de 55 anos e 65 anos depois, sem o corte dos 60 anos do autor citado). O teste de qui quadrado de Pearson, contudo, não é significativo (0,283) para a correlação entre intenção de voto e faixa etária nesse caso, o que faz com que não possamos descartar a hipótese de as variáveis não serem associadas.

A variável sexo (Tabela 3), todavia, possui associação estatística. Destaca-se que Jair Bolsonaro tem melhor desempenho proporcionalmente entre os homens, ao passo que pior entre as mulheres. Sexo não diferencia o apoio a Lula. Em “outros” encontra-se uma proporção maior de mulheres e menor de homens, ambas significativas, obviamente. O fato de Bolsonaro ter desvantagem (em termos proporcionais) entre o público feminino foi demarcado, já, em trabalhos anteriores, como em Nicolau (2020).

Tabela 3 – Intenção de voto com os demais candidatos condensados em "outros" \* SEXO Crosstabulation

			SEXO		Total
			Masculino	Feminino	
Intenção de votos com os demais candidatos condensados em "outros"	Bolsonaro	Expected Count	177,0	192,0	369,0
		% within SEXO	16,3%	13,3%	14,8%
		Adjusted Residual	2,1	-2,1	
	Lula	Expected Count	393,8	427,2	821,0
		% within SEXO	33,0%	32,7%	32,8%
		Adjusted Residual	,2	-,2	
	Outros	Expected Count	197,6	214,4	412,0
		% within SEXO	14,8%	18,0%	16,5%
		Adjusted Residual	-2,1	2,1	
	Branco/Nulo	Expected Count	210,5	228,5	439,0
		% within SEXO	18,2%	17,0%	17,6%
		Adjusted Residual	,8	-,8	
	Não votaria/Não sabe/Não Respondeu	Expected Count	220,1	238,9	459,0
		% within SEXO	17,6%	19,1%	18,4%
		Adjusted Residual	-,9	,9	
	Total	Expected Count	1199,0	1301,0	2500,0
		% within SEXO	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 4 – Intenção de voto com os demais candidatos condensados em "outros" \* REGIÃO Crosstabulation

			REGIÃO					Total
			Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	
Intenção de votos com os demais candidatos condensados em "outros"	Bolsonaro	Expected Count	51,5	81,5	51,7	125,0	59,3	369,0
		% within REGIÃO	20,9%	12,3%	18,9%	12,5%	13,9%	14,8%
		Adjusted Residual	3,5	-1,8	2,3	-2,3	-,5	
	Lula	Expected Count	114,6	181,3	114,9	278,2	132,0	821,0
		% within REGIÃO	24,9%	47,6%	36,3%	28,6%	25,4%	32,8%
		Adjusted Residual	-3,4	8,4	1,5	-3,3	-3,5	
	Outros	Expected Count	57,5	91,0	57,7	139,6	66,2	412,0
		Count						

	% within REGIÃO	20,3%	11,1%	14,3%	15,8%	23,9%	16,5%
	Adjusted Residual	2,1	-3,9	-1,2	-,6	4,4	
Branco/Nulos	Expected Count	61,3	96,9	61,5	148,7	70,6	439,0
	% within REGIÃO	15,2%	15,4%	13,7%	22,4%	15,7%	17,6%
	Adjusted Residual	-1,3	-1,5	-2,0	4,6	-1,1	
Não votaria/Não sabe/Não respondeu	Expected Count	64,1	101,3	64,3	155,5	73,8	459,0
	% within REGIÃO	18,6%	13,6%	16,9%	20,7%	21,1%	18,4%
	Adjusted Residual	,1	-3,3	-,8	2,1	1,6	
Total	Expected Count	349,0	552,0	350,0	847,0	402,0	2500,0
	% within REGIÃO	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A variável região (Tabela 4, acima), por sua vez, apresenta resultados intrigantes, também: Bolsonaro perde em termos absolutos para Lula em todas as regiões, porém possui uma vantagem proporcional no Centro-Oeste e no Norte, com uma desvantagem importante no Sudeste; sua desvantagem no Nordeste (que nem é significativa) é menor que a da categoria “outros”, o que chama atenção, também. Os resultados de Lula são ainda mais polarizadores, visto que o petista vai bem no Nordeste (como historicamente aconteceu com o PT pós-2006), ainda que tenha perdas importantes no Sudeste, Sul e Centro-Oeste, ou seja, a única região que não representa uma derrota ou vitória significativa para Lula é a Norte. Outro aspecto interessante é o do voto da região Sudeste, já que tanto Lula quanto Bolsonaro têm derrotas significativas nesse corte, concentrando os eleitores em Brancos/Nulos e Não votaria/Não sabe/Não respondeu, que possuem, ambas as categorias, uma capacidade explicativa satisfatória, ou seja, pelo menos até a elaboração da pesquisa, em março de 2018, essa região aparecia como de “indecisos”. Sendo a região Sudeste a mais populosa do país, é de se chamar a atenção que nenhum dos dois principais candidatos tivessem conseguido captar uma quantidade maior de votos (proporcionalmente, é claro) até esse momento do ano. Em resumo, no

que diz respeito à base histórica petista, o Nordeste foi, desde 2006, um reduto importante do partido (Nicolau e Peixoto, 2007), e esse fenômeno pode ser observado aqui também, de forma bastante forte; para Bolsonaro, sua força no Centro-Oeste, região de tradição agroexportadora, já aparece aqui também, mas não ainda seu apoio que viria a ser relevante posteriormente no Sul.

Finalmente, a característica da cidade do entrevistado, se urbana ou rural, é a última categoria a ser analisada (Tabela 5). A leitura da tabela é relativamente simples: Bolsonaro não sofre grande impacto na sua votação com a variação da característica da cidade, ao passo que Lula tem uma vantagem significativa (proporcionalmente) nos distritos rurais, diretamente inversa, obviamente, à sua desvantagem nas zonas urbanas. Outro aspecto importante da tabela é a força maior dos votos Brancos/Nulos e de pessoas indecisas, de maneira geral, nas regiões urbanas.

**Tabela 5 – Intenção de voto com os demais candidatos condensados em "outros" \* ZONA RESIDENCIAL**

			ZONA RESIDENCIAL		Total
			Urbana	Rural	
Intenção de votos com os demais candidatos condensados em "outros"	Bolsonaro	Expected Count	313,5	55,5	369,0
		% within ZONA RESIDENCIAL	15,0%	13,3%	14,8%
		Adjusted Residual	,9	-,9	
	Lula	Expected Count	697,5	123,5	821,0
		% within ZONA RESIDENCIAL	30,6%	45,5%	32,8%
		Adjusted Residual	-5,7	5,7	
	Outros	Expected Count	350,0	62,0	412,0
		% within ZONA RESIDENCIAL	16,8%	14,6%	16,5%
		Adjusted Residual	1,1	-1,1	
Brancos/Nulos	Expected Count	373,0	66,0	439,0	
	% within ZONA RESIDENCIAL	18,5%	12,5%	17,6%	
	Adjusted Residual	2,8	-2,8		
Não votaria/Não sabe/Não Respondeu	Expected Count	390,0	69,0	459,0	
	% within ZONA RESIDENCIAL	19,1%	14,1%	18,4%	
	Adjusted Residual	2,3	-2,3		

Total	Expected Count	2124,0	376,0	2500,0
	% within ZONA RESIDENCIAL	100,0%	100,0%	100,0%

### 2.1.2 A base eleitoral de Fernando Haddad em 2018

Para o estudo da base eleitoral de Haddad em 2018 utilizarei a pesquisa da véspera da votação do primeiro turno do Instituto Datafolha, de número 04576, retirada do repositório do CESOP, usando sempre os dados de primeiro turno, e, assim como com a anterior, com as entrevistas de conteúdo estimulado. Para essa pesquisa, o restante dos candidatos será agrupado em “outros”, novamente, além das outras duas categorias, que são “Branco/Nulo/Nenhum” e “/Recusa/Não sabe”.

Em termos relativos, o resultado da véspera do Datafolha, em primeiro turno, coloca Bolsonaro com 36% contra 22,3% de Haddad, um pouco distante do resultado real que, conforme o site do TSE (2018), foi contabilizado em 46,03% para o candidato do PSL contra 29,28% do petista. No que diz respeito aos demais candidatos (condensados na categoria “outros”), sua porcentagem é somada em 31,8%, ou seja, com uma votação que se acomoda entre o ex-deputado federal do Rio de Janeiro e o ex-prefeito de São Paulo.

Começando pela variável renda familiar mensal (Tabela 6, abaixo), podemos perceber que Bolsonaro, apesar de perder, em termos absolutos, na primeira faixa da categoria (até 2 salários mínimos) e na dos eleitores que Recusam/Não sabem responder, ganha em todas as demais, tanto em valores brutos, como em proporcionais, de forma significativa. O inverso é válido para Haddad, que ganha apenas no primeiro e último corte e perde nos demais. Essa diferença é particularmente grande na faixa de 5 a 10 salários mínimos, onde o candidato do PSL faz quase quatro vezes a quantidade de votos do petista. A categoria “outros”, que engloba os demais candidatos, também tem uma vitória significativa na faixa menos abastada, perdendo apenas na última (proporcionalmente), com as demais sem nenhum resultado significativo. Por fim, nessa tabela podemos perceber que há uma tendência menor entre os mais ricos, particularmente de 5 salários mínimos para cima, de invalidar seu voto ou apenas não comparecer, com esses eventos ganhando força entre os mais pobres (de forma proporcional). Como coloquei anteriormente, Singer (2012) demonstra que a vitória de Dilma em 2014 foi possível justamente por sua maior concentração de votos entre os eleitores de até 2 salários mínimos, visto que, em termos absolutos, a ex-presidenta

perdeu nas demais categorias para Aécio Neves – lembrando, novamente, que não trabalharei com as expectativas do Instituto Datafolha para o segundo turno, então comparamos, nesse caso, o primeiro turno de 2018 com o segundo de 2014.

**Tabela 6 – Intenção de voto (outros condensados) \* Renda familiar mensal Crosstabulation**

			Renda familiar mensal					Total
			Até 2 SM	De 2 a 5 SM	De 5 a 10 SM	Mais de 10 SM	Recusa/ Não sabe	
Intenção de voto (outros condensado)	Bolsonaro	Expected Count	2717,7	2756,6	905,3	367,1	278,3	7025,0
		% within Renda familiar mensal	24,6%	41,2%	50,8%	54,8%	21,7%	36,0%
		Adjusted Residual	-26,3	12,3	16,7	12,9	-8,4	
	Haddad	Expected Count	1681,7	1705,7	560,2	227,2	172,2	4347,0
		% within Renda familiar mensal	28,9%	19,5%	13,9%	12,2%	25,5%	22,2%
		Adjusted Residual	17,7	-7,5	-10,8	-7,9	2,2	
	Outros	Expected Count	2400,9	2435,2	799,8	324,3	245,8	6206,0
		% within Renda familiar mensal	33,0%	31,4%	31,4%	30,2%	26,7%	31,8%
		Adjusted Residual	3,0	-1,0	-,4	-1,1	-3,1	
	Branco/Nulos/Nenhum	Expected Count	437,2	443,4	145,6	59,0	44,8	1130,0
		% within Renda familiar mensal	7,1%	5,3%	3,3%	2,2%	10,1%	5,8%
		Adjusted Residual	6,4	-2,2	-5,8	-5,1	5,2	
Recusa/Não sabe	Expected Count	321,5	326,1	107,1	43,4	32,9	831,0	
	% within Renda familiar mensal	6,4%	2,6%	,6%	,6%	16,0%	4,3%	
	Adjusted Residual	11,9	-9,2	-9,6	-6,0	16,6		
Total	Expected Count	7559,0	7667,0	2518,0	1021,0	774,0	19539,0	
	% within Renda familiar mensal	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	

Para a próxima variável, de escolaridade (Tabela 7, abaixo), foram reproduzidas as categorias da pesquisa anterior, para que ficassem parecidas e tivessem validade de comparação, ainda que houvessem diferenças sutis, como a ausência, na do Datafolha, de uma menção ao ensino técnico. Dito isso, os resultados são claros: Bolsonaro se destaca, proporcionalmente, entre os indivíduos com Ensino médio completo/incompleto e

nas demais faixas superiores – principalmente na de Ensino superior completo/incompleto; Haddad tem vantagem nas duas primeiras, ou seja, até pessoas com Ensino fundamental completo/incompleto, de maneira significativa. Em votos brutos, o padrão se repete, visto que o petista tem vitória nos dois primeiros cortes e o candidato do PSL nos demais. A categoria “outros” possui margens importantes positivas (proporcionalmente) nas faixas de Ensino superior completo/incompleto e Pós graduação – nesta última, maior que a de Bolsonaro – mas, diferentemente do candidato vitorioso, não apresenta resultados significativos nos dois primeiros cortes, tendo desvantagem, todavia, entre os eleitores de Ensino médio completo/incompleto. Finalmente, é digna de nota a maior presença na categoria “Recusa/Não sabe” dos Analfabetos e indivíduos com apenas o Ensino fundamental completo/incompleto, na comparação com as demais faixas de escolaridade, o que, por coincidência ou não, acompanha a estatística anterior (de faixa salarial) – os menos abastados, assim como os de menor escolaridade, tendem a representar uma fatia maior nesta resposta (para a questão de intenção de voto). Novamente, entre os eleitores com maior escolaridade (dos entrevistados com “Ensino médio completo/incompleto” adiante) as taxas de abstenção (categoria “Recusa/Não sabe”) são menores do que as dos demais cortes, ainda que, no que diz respeito aos votos inválidos, essa diferença fique menor, já que, por exemplo, entre os eleitores com ensino médio completo/incompleto, existe uma significância positiva no corte de intenção de votos “Branco/Nulo/Nenhum”.

Nicolau (2020), a respeito da escolaridade, demonstra que, já em 2014, o PT perdeu para o PSDB entre os eleitores com Ensino superior completo/incompleto, em valores absolutos, uma mudança na relação com 2010, quando Dilma ganhou de José Serra em todos os cortes.

**Tabela 7 – Intenção de voto (outros condensados) \* Escolaridade Crosstabulation**

			Escolaridade					Total
			Analfabeto	Fundamental completo/incompleto	Médio completo/incompleto	Superior completo/incompleto	Pós graduação	
Intenção de voto	Bolsonaro	Expected Count	737,6	1512,3	2974,7	1443,7	353,7	7022,0
(outros condensado)		% within Escolaridade	17,9%	27,9%	39,3%	45,6%	40,1%	35,9%

	Adjusted Residual	-18,0	-12,3	8,5	14,3	2,8	
Haddad	Expected Count	456,5	936,0	1841,1	893,5	218,9	4346,0
	% within Escolaridade	31,3%	28,3%	21,2%	14,6%	17,9%	22,2%
	Adjusted Residual	10,4	10,6	-3,1	-13,0	-3,4	
Outros	Expected Count	651,8	1336,4	2628,6	1275,7	312,6	6205,0
	% within Escolaridade	30,4%	30,8%	30,6%	34,5%	37,6%	31,8%
	Adjusted Residual	-1,4	-1,5	-3,0	4,1	4,0	
Brancos/ Nulos/ Nenhum	Expected Count	118,7	243,4	478,7	232,3	56,9	1130,0
	% within Escolaridade	5,8%	6,6%	6,3%	4,4%	3,4%	5,8%
	Adjusted Residual	,0	2,7	2,8	-4,3	-3,4	
Recusa/Não sabe	Expected Count	87,3	179,0	352,0	170,8	41,9	831,0
	% within Escolaridade	14,6%	6,4%	2,6%	1,0%	1,0%	4,3%
	Adjusted Residual	24,6	7,7	-9,9	-11,6	-5,2	
Total	Expected Count	2052,0	4207,0	8275,0	4016,0	984,0	19534,0
	% within Escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
							%

Em seguida, tratamos da variável faixa etária (Tabela 8, abaixo). Nesse caso, os testes indicam associação entre as variáveis e, diferentemente do que ocorreu com a pesquisa anterior, será possível seguir com a investigação (infelizmente perdendo a capacidade de comparação entre ambas). Primeiramente, é importante constatar que, em números absolutos, Bolsonaro ganha em todos os cortes nessa variável, sendo que o candidato do PSL vai particularmente bem na faixa que vai dos 35 aos 44 anos. Para Haddad, a situação é diferente: o petista tem melhor desempenho entre os eleitores de 45 a 59 anos e pior entre os mais jovens. Os votos deste público, de 16 a 24 anos, bem como o imediatamente posterior, de 25 a 34 anos, se concentram na categoria “outros” o que indica uma fuga maior da dicotomia entre PT e Bolsonaro nestes cortes particulares, ao passo que os demais representam uma derrota proporcional para os candidatos

condensados nessa categoria. A proporção de votos inválidos é maior no corte entre 35 e 44 anos e menor a partir dos 60 anos, com as demais faixas sem significância para nenhum dos sentidos. No corte que capta as abstenções, entretanto, até 34 anos, a proporção é negativa, com os cortes a partir de 45 anos sendo positivos. Segundo Samuels (2004), pelo menos até a elaboração de seu artigo, a idade não seria um fator importante ao definir se um indivíduo seria petista ou não, assim como não seriam a raça, o gênero e a religião (p. 232). Contudo, dado o contexto da escrita do trabalho de Samuels, logo após a primeira vitória presidencial do PT, e ainda com uma base eleitoral que se alteraria consideravelmente ao longo da década, precisamos tomar essa afirmação com cautela e considerar que é possível (e provável) que a base “petista” seja extrapolada em termos eleitorais, ou seja, o “núcleo forte” do partido não pode ser generalizado para o restante do eleitorado que vota na legenda. Outra questão que emerge dessa tabela é a de como explicar uma diferença tão importante entre os extratos de 35 a 44 anos e de 45 a 59 anos, na disputa entre Bolsonaro e Haddad. Não me arrisco a tentar responder, mas creio ser importante que se levante, pelo menos, o questionamento.

**Tabela 8 – Intenção de voto (outros condensados) \* Faixa etária Crosstabulation**

			Faixa etária					Total
			16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou mais	
Intenção de voto (outros condensado)	Bolsonaro	Expected Count	1053,3	1475,0	1474,6	1685,6	1334,4	7023,0
		% within Faixa etária	34,8%	36,2%	38,2%	35,4%	34,8%	35,9%
		Adjusted Residual	-1,3	,3	3,4	-,9	-1,7	
	Haddad	Expected Count	652,0	913,0	912,7	1043,4	826,0	4347,0
		% within Faixa etária	18,3%	22,6%	21,7%	24,2%	23,1%	22,3%
		Adjusted Residual	-5,6	,6	-,9	3,7	1,4	
	Outros	Expected Count	930,9	1303,6	1303,3	1489,8	1179,4	6207,0
		% within Faixa etária	39,5%	33,4%	29,4%	28,8%	30,3%	31,8%

	Adjusted Residual	9,7	2,5	-3,7	-5,1	-2,1	
Branco/Nulo/Nenhum	Expected Count	169,2	236,9	236,8	270,7	214,3	1128,0
	% within Faixa etária	5,5%	5,8%	6,7%	6,1%	4,5%	5,8%
	Adjusted Residual	-,8	,2	2,8	1,2	-3,8	
Recusa/Não sabe	Expected Count	124,6	174,5	174,5	199,5	157,9	831,0
	% within Faixa etária	1,9%	1,9%	4,0%	5,5%	7,4%	4,3%
	Adjusted Residual	-6,7	-8,2	-1,0	4,9	10,4	
Total	Expected Count	2930,0	4103,0	4102,0	4689,0	3712,0	19536,0
	% within Faixa etária	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A variável seguinte é a de sexo do entrevistado (Tabela 9). Aqui, encontramos questões interessantes, já que ambos os candidatos, de acordo com essa pesquisa, vão mal, proporcionalmente, entre as mulheres, com Bolsonaro conseguindo menos votos entre estas ainda, mas compensando entre os homens, na comparação com Haddad. Os votos do corte do sexo feminino se concentram, todavia, na categoria de votos inválidos e na de “Recusa/Não sabe”, ou seja, de acordo com essa pesquisa do Datafolha (da véspera do primeiro turno, vale ressaltar) o eleitorado feminino estava mais concentrado (proporcionalmente) entre os votos inválidos, eleitores indecisos ou abstenções. Segundo Nicolau (2020), isso é normal, já que “tradicionalmente, nos dias que antecedem as eleições o volume de indecisos é bem maior no eleitorado feminino” (p. 59). Em valores absolutos, Bolsonaro ganha de Haddad em ambos os sexos. De acordo com Nicolau (2020), no segundo turno de 2018, ainda que Bolsonaro tenha ganhado entre as mulheres, a diferença foi bem menor do que entre os homens. O autor ainda coloca outro fator importante para a vitória de Bolsonaro, que foi a conquista de parte desse eleitorado feminino indeciso mais perto da data do pleito. Os demais candidatos, condensados na categoria “outros”, também são alvos em maior proporção do público feminino.

Tabela 9 – Intenção de voto (outros condensados) \* Sexo Crosstabulation

			Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Intenção de voto (outros condensado)	Bolsonaro	Expected Count	3301,1	3722,9	7024,0
		% within Sexo	42,1%	30,5%	36,0%
		Adjusted Residual	17,0	-17,0	
	Haddad	Expected Count	2043,0	2304,0	4347,0
		% within Sexo	23,2%	21,4%	22,3%
		Adjusted Residual	2,9	-2,9	
	Outros	Expected Count	2917,2	3289,8	6207,0
		% within Sexo	28,0%	35,2%	31,8%
		Adjusted Residual	-10,8	10,8	
	Branco/Nulos/ Nenhum	Expected Count	530,6	598,4	1129,0
		% within Sexo	4,1%	7,2%	5,8%
		Adjusted Residual	-9,2	9,2	
	Recusa/Não sabe	Expected Count	390,1	439,9	830,0
		% within Sexo	2,6%	5,7%	4,2%
		Adjusted Residual	-11,0	11,0	
	Total	Expected Count	9182,0	10355,0	19537,0
		% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%

A penúltima variável de interesse para o presente trabalho, região (Tabela 10), apresenta, para o PT, particularmente, sempre resultados importantes. Em valores proporcionais, a divisão é clara: Bolsonaro vai melhor no Sudeste, Sul e Centro-Oeste de maneira significativa, pior no Nordeste e o Norte não representa nenhum resultado; Haddad tem desvantagens no Centro-Oeste, Sudeste e Sul, mas vantagens no Nordeste e no Norte, também de forma significativa estatisticamente. Em números absolutos, porém, o petista tem vitória apenas no Nordeste, com derrotas em todas as demais regiões para o candidato do PSL. A derrota no Sudeste é particularmente surpreendente já que, apesar de a região ser um calcanhar de aquiles recente do PT, por ser um reduto tucano, Fernando Haddad foi prefeito de São Paulo e era possível imaginar que isso poderia influenciar positivamente na votação para a legenda. No que diz respeito às demais categorias, “outros” têm vitória significativa no Sudeste e derrota em todas as demais regiões e se, entre os votos inválidos, não temos nenhuma significância estatística, entre as abstenções o que mais chama a atenção é a predominância dessa escolha eleitoral no Nordeste e Centro-Oeste, em contraste com a proporção negativa da mesma no Sudeste. Outra questão é que se, para Singer (2012, p. 230), Dilma alcançava,

no segundo turno de 2010, mais do que o dobro dos votos válidos de Serra (PSDB) no Nordeste (71% a 29%), essa proporção, ainda que em primeiro turno e com uma derrota de Haddad no quadro geral em 2018, parece migrar, diferentemente dos pleitos anteriores, para os demais candidatos que, somados, ganham de Bolsonaro na região e perdem por apenas 5% para o Partido dos Trabalhadores. No caso de 2010, contudo, Singer aponta que a vitória de Dilma não se restringiu apenas ao Nordeste, mas passou por vantagens no Norte e no Sudeste, também, que conferiram algum fôlego à ex-presidenta, diferentemente de 2014, em que, utilizando o exemplo do estado de São Paulo, o autor demonstra que a margem do PSDB (com Aécio Neves, político do estado de Minas Gerais, como candidato) subiu de 1,8 para 7 milhões de votos (Singer, 2018, p. 166).

**Tabela 10 – Intenção de voto (outros condensados) \* Região Crosstabulation**

			Região					Total
			Sudest e	Sul	Nordest e	Centro Oeste	Norte	
Intenção de voto (outros condensado)	Bolsonaro	Expected Count	3057,3	1023,7	1877,3	514,5	551,2	7024,0
		% within Região	39,9%	43,6%	22,1%	48,8%	35,1%	36,0%
		Adjusted Residual	10,0	9,1	-24,3	10,6	-,7	
	Haddad	Expected Count	1891,7	633,4	1161,5	318,4	341,1	4346,0
		% within Região	16,1%	17,2%	35,9%	14,5%	26,4%	22,2%
		Adjusted Residual	-18,1	-7,0	27,7	-7,4	4,0	
	Outros	Expected Count	2701,3	904,5	1658,6	454,6	487,0	6206,0
		% within Região	34,6%	29,6%	30,5%	26,2%	29,2%	31,8%
		Adjusted Residual	7,5	-2,6	-2,2	-4,7	-2,2	
Branco/ Nulos/Nenhum	Expected Count	491,4	164,5	301,7	82,7	88,6	1129,0	
	% within Região	6,1%	5,7%	5,7%	4,8%	5,5%	5,8%	

	Adjusted Residual	1,6	-,2	-,4	-1,6	-,4	
Recusa/Não sabe	Expected Count	361,3	121,0	221,8	60,8	65,1	830,0
	% within Região	3,3%	3,9%	5,7%	5,7%	3,8%	4,2%
	Adjusted Residual	-5,8	-,9	6,2	2,8	-,9	
Total	Expected Count	8503,0	2847,0	5221,0	1431,0	1533,0	19535,0
	% within Região	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Finalmente, sobre a variável de se a cidade do entrevistado é de uma região urbana ou rural, preciso fazer uma ressalva: as definições do Instituto da Democracia e do Datafolha para essa categoria são distintas, visto que o primeiro coloca apenas as opções “zona urbana” e “zona rural” e o segundo distingue entre “capital”, “região metropolitana” e “interior”. Portanto, aglutinarei “região metropolitana” com “capital” e manterei “interior”, para facilitar a comparação – tendo noção, é claro, que pode haver vieses, como a presença de cidades maiores em regiões do interior (casos de Caxias do Sul e Lajeado, por exemplo, no Rio Grande do Sul). Para aproximar as comparações, também utilizarei a categoria “porte do município” em conjunto com a de “tipo” de cidade. Começando pela variável de natureza do município (Tabela 11), podemos observar que só há significância para Haddad, sendo positiva, proporcionalmente, entre os eleitores alocados em municípios de interior e negativa entre os de capitais e regiões metropolitanas, sendo que, apesar dessa distinção, Bolsonaro ganha do petista, em valores brutos, nos dois cortes. A categoria de intenção de voto que acaba por captar mais dos municípios que são capitais ou regiões metropolitanas é a dos demais candidatos (“outros”) assim como a dos eleitores que manifestam votos inválidos, em “Branco/Nulo/Nenhum”.

Em resumo, por essa tabela, podemos concluir que Bolsonaro não “sofre” com a característica do município como Haddad, que vai bem nos do interior, ao passo que os outros candidatos têm, juntos, um efeito inverso ao do petista, ganhando mais votos em cidades que são capitais ou de regiões metropolitanas. Sobre a predominância maior de votos para os “outros” nas capitais e regiões metropolitanas, podemos supor (porque não utilizaremos equações multivariadas aqui), que o Sudeste, que apresenta o mesmo fenômeno em maior escala na comparação com as demais regiões, pode estar contando

no sentido de enviesar esses votos de uma maneira mais generalizada – novamente, só seria possível essa averiguação caso fosse feito um controle por regiões dentro da variável “natureza do município”, que não aconteceu, pois o presente trabalho não pretende se aprofundar dessa maneira.

**Tabela 11 – Intenção de voto (outros condensados) \* Capital ou interior Crosstabulation**

			Capital ou interior		Total
			Capital e região metropolitana	Interior	
Intenção de voto (outros condensado)	Bolsonaro	Expected Count	2822,7	4200,3	7023,0
		% within Capital ou interior	36,4%	35,7%	35,9%
		Adjusted Residual	1,0	-1,0	
	Haddad	Expected Count	1746,8	2599,2	4346,0
		% within Capital ou interior	19,0%	24,5%	22,2%
		Adjusted Residual	-9,1	9,1	
	Outros	Expected Count	2494,7	3712,3	6207,0
		% within Capital ou interior	34,5%	30,0%	31,8%
		Adjusted Residual	6,6	-6,6	
	Branco/Nulos/ Nenhum	Expected Count	453,8	675,2	1129,0
		% within Capital ou interior	6,7%	5,2%	5,8%
		Adjusted Residual	4,6	-4,6	
	Recusa/Não sabe	Expected Count	334,0	497,0	831,0
		% within Capital ou interior	3,5%	4,8%	4,3%
		Adjusted Residual	-4,2	4,2	
Total	Expected Count	7852,0	11684,0	19536,0	
	% within Capital ou interior	100,0%	100,0%	100,0%	

Já na variável que capta o porte do município (Tabela 12), podemos confirmar algumas das impressões supracitadas: o candidato do PSL vai melhor nas maiores cidades (acima de 200 mil habitantes), proporcionalmente, e pior nas de até 50 mil, ao passo que o petista segue o caminho inverso, visto que vai bem melhor nas cidades de até 50 mil habitantes e perde nos dois últimos cortes (de mais de 200 mil a 500 mil e de mais de 500 mil habitantes), ainda que Bolsonaro ganhe em todos os cortes, no que diz respeito à porcentagem absoluta. Os demais candidatos, todavia, vão ainda pior que Bolsonaro nos pequenos municípios, mas, em contrapartida, vão melhor que o ex-deputado federal entre os maiores (acima de 500 mil habitantes), em termos proporcionais. Os votos inválidos aumentam na mesma medida em que crescem as

idades e as abstenções têm caminho inverso.

**Tabela 12 – Intenção de voto (outros condensados) \* Porte do município Crosstabulation**

			Porte do município				Total
			Até 50 mil habitantes	Mais de 50 a 200 mil	Mais de 200 a 500 mil	Mais de 500 mil habitantes	
Intenção de voto (outros condensado)	Bolsonaro	Expected Count	2288,9	1559,0	1006,0	2169,1	7023,0
		% within Porte do município	32,7%	35,8%	40,9%	37,2%	36,0%
		Adjusted Residual	-6,5	-,3	5,8	2,4	
	Haddad	Expected Count	1416,1	964,5	622,4	1342,0	4345,0
		% within Porte do município	29,4%	21,4%	17,4%	17,5%	22,2%
		Adjusted Residual	16,7	-1,5	-6,6	-10,6	
	Outros	Expected Count	2022,9	1377,9	889,1	1917,1	6207,0
		% within Porte do município	27,5%	32,6%	32,9%	35,2%	31,8%
		Adjusted Residual	-8,9	1,4	1,4	6,8	
	Branco/ Nulo/ Nenhum	Expected Count	368,0	250,6	161,7	348,7	1129,0
		% within Porte do município	4,7%	5,6%	5,8%	7,0%	5,8%
		Adjusted Residual	-4,4	-,5	,0	4,9	
	Recusa/Não sabe	Expected Count	270,2	184,0	118,7	256,0	829,0
		% within Porte do município	5,7%	4,5%	3,0%	3,1%	4,2%
		Adjusted Residual	6,9	1,1	-3,4	-5,4	
Total	Expected Count	6366,0	4336,0	2798,0	6033,0	19533,0	
	% within Porte do município	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

### 2.1.3 Discussão da hipótese principal

Antes de confirmarmos ou rechaçarmos a hipótese principal, vale ressaltar as diferenças entre os eleitorados de Lula e Haddad, para demonstrar, com maior clareza, as distinções (e similaridades) entre ambos. Em uma primeira observação, o ponto inicial de

atenção é que a pesquisa do Instituto da Democracia tem mais abstenções e votos inválidos do que a do Datafolha – cerca de 35% da primeira contra 10% da segunda. Além disso, em termos proporcionais, podemos perceber, nas duas primeiras variáveis colocadas (renda familiar mensal e escolaridade) um fenômeno interessante: os votos inválidos e de abstenção, em ambos os casos, têm uma mudança clara de característica.

Nas tabelas da renda familiar mensal, por exemplo: na pesquisa do começo de 2018 que inclui Lula, as distribuições de votos “Branco/Nulo” são sem significância estatística nenhuma, ou seja, estão similares entre os cortes salariais, ao passo que, entre as abstenções, apenas a última faixa de renda (mais de 10 salários mínimos) tem significância positiva; na pesquisa de véspera da eleição que coloca Haddad como candidato do PT, contudo, a primeira faixa salarial (de até 2 salários mínimos) tem significância positiva tanto nas abstenções quanto nos votos inválidos e os demais cortes (nas mesmas duas formas de intenção de voto) apresentam significância negativa – com exceção da faixa “entre 2 a 5 salários mínimos” para os votos “Branco/Nulo”, que não apresenta significância nenhuma. O corte “Recusa/Não sabe” (que concerne as faixas de renda), presente somente na pesquisa do Datafolha, também traz, proporcionalmente, mais concentração, mas não permite comparação com a outra tabela. O que parece mais intrigante, na situação de comparação entre ambas as pesquisas é que, no caso em que Haddad é colocado como candidato pelo Partido dos Trabalhadores, os votos inválidos e abstenções tendem a ser mais concentrados nas categorias em que este vai melhor, em termos proporcionais, e menos onde Bolsonaro tem vantagem, o que não ocorria com Lula.

No caso da escolaridade, o fenômeno se repete: nos dois primeiros cortes (“Analfabeto” e “Fundamental completo/incompleto”), Haddad ganha de Bolsonaro em termos absolutos e proporcionais, perdendo nos demais, já Lula, na pesquisa “A Cara da Democracia” ganha em números brutos em todos os cortes e, particularmente, com significância estatística no segundo – com o candidato do PSL indo melhor entre os eleitores de “Ensino superior completo/incompleto ou técnico completo”. Na pesquisa em que Lula aparece como candidato, nenhum dos cortes apresenta significância dentro dos votos inválidos, enquanto, na categoria que capta as abstenções, a significância negativa aparece justamente onde Lula vai melhor, ou seja, com os eleitores de “Ensino fundamental completo/incompleto” e se mostra positiva na seguinte (“Ensino médio completo/incompleto”), em que nenhum dos dois têm resultados significativos. Na pesquisa de véspera de eleição, todavia, nos dois primeiros cortes, em que Haddad vai

melhor, há significância positiva para abstenções – e todas as demais categorias apresentam valores com proporção negativa – sendo que, para os votos inválidos, as estatísticas são mais distribuídas e concentram significância negativa nas últimas duas (“Ensino superior completo/incompleto ou técnico completo” e “Pós graduação ou mais”) e positiva em “Ensino fundamental completo/incompleto” e “Ensino médio completo/incompleto”.

Essas duas primeiras categorias de comparação trazem a impressão, inicialmente, que, ao mesmo tempo em que votos inválidos e abstenções tenham diminuído de março para outubro (como seria de se esperar chegando mais próximo do dia do pleito), a distribuição dessa diminuição não foi uniforme – pelo contrário, cresceu onde, em um primeiro momento, não havia proporções positivas desse fenômeno. Isso acaba por redundar na redução, proporcionalmente, de votos em Haddad justamente onde Lula ia melhor: na faixa de renda mensal mais baixa e nos cortes de escolaridade de “Analfabeto” e “Ensino fundamental completo/incompleto”.

Quanto à faixa etária, por conta de só estar presente na segunda avaliação, fica difícil de comparar. Entretanto, podemos buscar na bibliografia o histórico recente que embasa a tabela retirada dos dados do Instituto Datafolha. Assim, os dados apresentam (como foi discutido acima) uma força maior de Bolsonaro apenas no estrato intermediário (de 35 a 44 anos) e de Haddad no imediatamente seguinte (de 45 a 59 anos). Paiva et al. (2016) explicam que, no que diz respeito aos sentimentos antipetistas, em sua relação com a faixa etária, a “variável foi relevante apenas em 2002: o antipetismo aumentava com a idade dos eleitores” (p. 620). O fator idade, até onde podemos inferir, segue não sendo relevante, já que nenhum dos dois têm significância no último extrato, por exemplo. Não tenho condições estatísticas, contudo, de excluir a possibilidade de o antipetismo tomar o caminho inverso ao de 2002 (Paiva et al, 2016), ou seja, de diminuir com o avanço da idade, visto que, entre os mais jovens, nem o petista, nem o candidato do PSL, são as preferências eleitorais. Em resumo, o que é digno de nota sobre a variável faixa etária é que esta não parece se distinguir, pelo menos no que é possível observar empiricamente, dos anos anteriores, com o antipetismo seguindo uma característica parecida com a demonstrada por Paiva et al (2016) na relação com a idade (nos pleitos posteriores a 2002).

Sobre a variável sexo, todavia, temos pontuações importantes a colocar. Comparando Lula e Haddad, o primeiro não apresenta diferenças de apoio entre os sexos, diferentemente de Bolsonaro, que vai melhor entre os homens e pior entre as

mulheres (proporcionalmente), o que se mantém na pesquisa do Datafolha. Novamente, o que mais chama atenção, porém, são os números de votos inválidos e abstenções: na pesquisa que inclui Lula, a porcentagem total da soma dessas categorias entre os homens é de 35,8%, contra 36,1% das mulheres; no survey do Instituto Datafolha o número entre os homens cai dramaticamente, chegando a 6,7%, enquanto o de mulheres é quase o dobro, de 12,9%. Isso acaba por trazer de volta o texto de Nicolau (2020) que, como foi mencionado quando descrevi a tabela do Instituto Datafolha, ressalta que é comum uma maior indecisão das mulheres nos dias que antecedem o pleito (p. 59). A questão é que, como sabemos, o resultado não se modificou favoravelmente na direção de Haddad quando o primeiro turno foi realizado – pelo contrário, Bolsonaro aumentou a diferença na relação com o petista – o que leva a acreditar que esses votos tenham sido conquistados não pelo ex-prefeito de São Paulo, mas pelo candidato vitorioso. O que Nicolau (2020, p. 59) propõe (com o auxílio de uma pesquisa do Ibope), e pode ser comprovado aqui, com o survey de véspera que utilizo do Datafolha, é que houve uma migração em massa de votos femininos para Bolsonaro nos últimos dias antes do pleito, aumentando sua margem. Assim, é possível inferir que, dada a grande diferença de indecisos entre homens e mulheres, parte importante desses votos femininos que contabilizavam como inválidos ou abstenções foi para o candidato do PSL.

Como foi colocado acima, Haddad parece perder votos onde Lula ia melhor também nessa variável, enquanto Bolsonaro se mantém firme com seu eleitorado – nesse caso, com a porção masculina – mas com proporções maiores, é claro.

Seguindo, chegamos na variável região. Nessa categoria, nada de surpreendente, já que Haddad segue ganhando no Nordeste, reduto eleitoral do PT desde 2006 (Nicolau; Peixoto, 2007), com vantagem significativa, também, no Norte, com uma desvantagem significativa do candidato do PSL apenas na primeira. O que parece um pouco mais relevante e, de certa forma, curioso, é que o Sudeste, que representava uma derrota (significativa estatisticamente) tanto para Lula, quanto para Bolsonaro na primeira pesquisa, acaba por se tornar uma importante fortaleza do ex-deputado federal no survey do Instituto Datafolha. O que tende a se distinguir nessa variável é que, aparentemente, as trajetórias políticas de ambos podem ter afetado a votação nessa região, visto que Bolsonaro foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro em múltiplos mandatos consecutivos (de 1991 a 2018) e Haddad já foi prefeito de São Paulo. A região Sudeste, vale ressaltar, é particularmente relevante para o resultado do pleito por ser, justamente, a mais populosa do país e, além disso, no caso da pesquisa da véspera, as porcentagens

dessa região, por si só, apenas, acabam por “anular” a vantagem do PT no Nordeste (segunda região com mais eleitores do Brasil).

Finalmente, tratarei das características dos municípios dos entrevistados. A pesquisa “A Cara da Democracia” traz Lula com margem de vitória proporcional entre os municípios de zona rural e derrota entre os de zona urbana e Bolsonaro sem possuir significância estatística em nenhuma das duas categorias. O survey do Datafolha, confirma, dentro das diferenças de classificação, essa tendência, já que Haddad vai melhor que Bolsonaro no interior e pior nas capitais e região metropolitana, ao passo que o candidato do PSL não tem significância estatística maior ou menor em nenhuma das duas. Na divisão por tamanho de cidades, é perceptível, entretanto, que, a partir de 200 mil habitantes, Bolsonaro tem larga vantagem, contra vitória do petista no extrato de até 50 mil habitantes, sendo o intermediário entre os dois cortes sem ganho proporcional significativo para nenhum dos dois. Mais uma vez, a questão proposta sobre a faixa de renda mensal familiar e da escolaridade se repete aqui: os votos inválidos e abstenções, que tinham significância negativa nas cidades de zonas rurais, onde Lula ia melhor, e positiva em zonas urbanas, onde o petista tinha proporção menor do eleitorado, mudam de característica, já que, para Haddad, a categoria de até 50 mil habitantes, em que o petista vence, apresenta concentração positiva de respostas de “Recusa/Não Sabe”, ainda que os votos “Branco/Nulos” se mantenham em proporções semelhantes.

Assim, a conclusão sobre a hipótese principal é que, ainda que não seja possível afirmar com certeza, os indícios apontam que esta esteja correta, ou seja: as bases eleitorais de Lula e Haddad se mantêm semelhantes, com o segundo tendo, é claro, proporções menores de votos, resultado, provavelmente, da dificuldade em transferir os votos do ex-sindicalista para o novo cabeça de chave do Partido dos Trabalhadores em tempo tão curto (pouco mais de um mês).

De março – data da onda, utilizada nesse trabalho, da pesquisa “A Cara da Democracia” – a outubro – quando o survey de véspera do Instituto Datafolha foi realizado – uma série de eventos (como a prisão de Lula, a facada em Bolsonaro e a sua consequente ausência nos debates televisivos, além de outros acontecimentos) que certamente influenciaram a votação no PT e em Bolsonaro ocorreu. Mas, de acordo com os achados deste texto, não aconteceu nenhuma grande mudança de corte sociodemográfico. Logo, tem-se elementos para afirmar que a explicação de o porquê Bolsonaro tenha vencido a eleição presidencial de 2018 reside, novamente, na incapacidade do PT de transformar os votos de Lula em apoio concreto a Haddad.

## 2.2 DEMAIS HIPÓTESES

### **2.2.1 Eleitorado de Lula em 2018 comparado à base eleitoral do Partido dos Trabalhadores em pleitos anteriores**

Iniciando pela primeira hipótese, das três secundárias, vamos averiguar se a base eleitoral de Lula seguia, até o impedimento de sua campanha, os mesmos padrões dos pleitos anteriores, para o PT. Para efeitos de comparação, utilizaremos as características apresentadas em Nicolau e Peixoto (2007) e Singer (2018) para as bases eleitorais de Lula, em 2006, e Dilma em 2010 e 2014. No caso do primeiro texto, Nicolau e Peixoto (2007, p. 14) apontam que, a partir de 2006, o eleitorado de Lula, ao contrário de seu adversário, Geraldo Alckmin (do PSDB), se concentrava em municípios com indicadores sociais (como taxa de analfabetismo, renda per capita, expectativa de vida e porcentagem de pobres) piores. Já em Singer (2018, p. 164), o autor demonstra como, no primeiro turno de 2010, Dilma ganha de Serra (PSDB) nas três primeiras faixas salariais (até 10 salários mínimos), perdendo apenas na última, em porcentagens absolutas, enquanto, em 2014, a candidata do PT ganha “apenas” nas duas primeiras (até 5 salários mínimos), sendo derrotada pelo tucano, Aécio Neves, nas demais. Ambos fatores apontam para algo bastante aceito dentro da academia brasileira e que permeia tanto o trabalho de Nicolau e Peixoto (2007) quanto o de Singer (2012): havia, entre o PT e o PSDB, uma divisão clara de eleitorado, visto que, ao passo que o primeiro ia melhor entre os eleitores mais pobres, o segundo levava vantagem entre os candidatos mais ricos, com o adendo de que, como a população mais pobre representa grande maioria do eleitorado, o PT continuou ganhando, depois de 2006, as eleições presidenciais. Outra pontuação importante a ser feita é a regional, já que, desde 2006 (Nicolau e Peixoto, 2007), a vantagem do Partido dos Trabalhadores no Nordeste é notável e relevante para o entendimento do comportamento eleitoral no Brasil. A questão aqui é, portanto, até que ponto Lula manteve, até março de 2018, quando foi feita a pesquisa que utilizo, a base eleitoral que foi bem-sucedida para o PT durante os pleitos anteriores?

No que diz respeito à região, podemos colocar que o esperado volta a se repetir, ou seja, Lula tem sua maior vantagem sobre Bolsonaro no Nordeste (47,3% a 12,3%), ao passo que sua menor vantagem, ainda que ganhe em todos os cortes, é a do Centro-Oeste (24,9% a 20,9%). No Norte, a vantagem só não é tão grande quanto a do Nordeste,

ainda que seja bem importante, de 36,3% para o petista contra 18,9% do ex-deputado federal. No Sul (25,4% a 13,9%) e Sudeste (28,6% a 12,5%) os padrões são semelhantes, menores do que a do Norte e maiores que a do Centro-Oeste. Nesse caso, por conseguinte, as porcentagens comprovam uma semelhança marcante com as clivagens regionais de pleitos anteriores – com a ressalva de que essa votação se alterou notadamente em momentos posteriores (com Haddad) por diversos motivos já citados.

Não é possível avaliar diretamente os indicadores sociais de Nicolau e Peixoto (2007) pois estes se referem a dados agregados ao nível municipal, enquanto que os dados que estou utilizando são de survey, mas podemos comparar a taxa de analfabetismo com os níveis de escolaridade mais baixos e renda per capita e porcentagem de pobres como indicadores de renda familiar mensal. Dessa forma percebemos, mais uma vez, que os padrões se repetem, com Lula indo melhor que Bolsonaro nas faixas de escolaridade mais baixas (principalmente “Analfabeto” e “Ensino fundamental completo/incompleto”) e nas categorias de renda familiar mensal mais pobres (“até 2 salários mínimos” e “de 2 a 5 salários mínimos”).

Como não encontramos diferenças estatisticamente significativas sobre faixa etária para a pesquisa “A Cara da Democracia”, que contém Lula como candidato, vamos passar direto à próxima variável. Essa seria “sexo”. Nesse caso, a bibliografia nos ajuda a colocar em perspectiva um fenômeno particular desse pleito: a diferenciação entre homens e mulheres. Nicolau (2020) chama a atenção para o fato de que, na disputa entre Haddad e Bolsonaro, no segundo turno de 2018, o candidato do PSL ganhou em ambos os cortes, mas houve uma distinção importante entre sua vitória entre os homens, com uma vantagem mais expressiva, e entre as mulheres, mais reduzida. Para Nicolau, “sua votação [a de Haddad] é bem melhor entre as mulheres, o que quebra também um padrão de equilíbrio observado quando Dilma foi candidata em 2010 e 2014” (2020, p. 57). Utilizando a comparação feita anteriormente entre as bases de Lula e Haddad, pontuamos que a base de Lula seria mais inclinada a demonstrar uma preferência dos votos femininos, ainda que, em termos absolutos, o petista ganhe de Bolsonaro em ambas as categorias. O que parece, nesse caso, não é uma maior propensão do PT em abarcar votos femininos, mas, sim, uma característica de votação do candidato do PSL que tende a atrair mais os homens. Como o fenômeno se repete com Haddad, parece recair mais sobre o candidato da extrema-direita do que sobre o cabeça de chapa do Partido dos Trabalhadores.

A última variável, de natureza do município, encontra eco nos trabalhos da primeira

década deste século. Nicolau e Peixoto (2007) apontam que, se em 2002 o PT levava larga vantagem nas maiores cidades contra o PSDB, a partir de 2006 esse padrão se dissolveu e, para os autores, isso deixou de ser uma variável com capacidade preditiva (pelo menos até a publicação do trabalho, em 2007). Todavia, em um texto mais recente, Nicolau (2020) aborda as eleições de 2010 e 2014 na comparação com a de 2018, o que faz com que, chegado o momento de comparar as bases de Haddad com as de Dilma pelo tamanho do município (p. 113), percebe-se uma tendência: o PT passa a levar vantagem nos municípios menores, sendo que, em 2010 Dilma ganha em todos os cortes contra Serra; em 2014, ganha apenas até os 150 mil habitantes, perdendo para Aécio nas maiores cidades e, em 2018, com Haddad, claro, este vence apenas até os 50 mil habitantes. Sabemos, entretanto, que a votação em Lula seria maior, pelo menos de acordo com a pesquisa “A Cara da Democracia”. Isso significa que o ex-líder sindical teria vitórias em outros extratos, ou apenas aprofundaria a sua distância nos que Haddad já havia vencido? Infelizmente não temos como saber porque o survey do Instituto da Democracia não levanta esses dados, dividindo, somente, os locais de moradia dos entrevistados entre zonas urbanas ou rurais. Aqui, mesmo levando em conta que Lula ganha em ambos os cortes de Bolsonaro (em valores brutos), sua vantagem é consideravelmente maior entre as zonas rurais (45,5% contra 13,3%) do que entre as urbanas (30,6% contra 15%), o que faz com que a estatística colocada para Haddad por Nicolau (2020) provavelmente se repita aqui, só em maior proporção (de novo).

Observando todas as variáveis citadas acima, podemos colocar que, apesar da diferenciação importante na categoria sexo, que é novidade no pleito de 2018, é possível confirmar a primeira hipótese secundária: Lula mantém as bases eleitorais de seu partido na disputa pelo cargo presidencial dos pleitos anteriores, bem como, conseqüentemente, Haddad. Sobre a variável citada acima, sexo, vale salientar que, provavelmente, ela não é decorrente de uma nova clivagem do Partido dos Trabalhadores mas, sim, uma menor atração do eleitorado feminino a Bolsonaro, que acaba por beneficiar seu adversário.

### **2.2.2 Diferenças entre a disputa de Bolsonaro com Lula e Haddad**

Esse objetivo secundário, em que proponho a investigação das diferenças entre os votos em Bolsonaro contra Haddad e Lula acaba por ser respondido em conjunto com a explicação da hipótese principal. Por conseguinte, a hipótese que condiz com esse objetivo, de que Bolsonaro apenas aumentou na disputa com Haddad, proporcionalmente,

sua base de votos, mantendo cortes semelhantes aos que tinha nos cenários contra Lula, é válida.

Resumindo, essas categorias em que o candidato do PSL leva vantagem – tanto contra Haddad, quanto contra Lula – são: em renda familiar mensal, a partir de 2 salários mínimos, ainda que seu corte com maior diferença positiva seja em “de 5 a 10 salários mínimos”; em escolaridade, de “ensino médio completo/incompleto” para cima, o candidato do PSL vai melhor; em faixa etária, nos cortes que vão de 25 a 44 anos, Bolsonaro parece conseguir mais eleitores; em sexo, como foi comentado acima, o ex-deputado federal leva vantagem considerável sobre os petistas entre o público masculino, com maior dificuldade de angariar votos entre as mulheres; nas regiões, Bolsonaro tem no Centro-Oeste seu reduto eleitoral, ainda que, contra Haddad, tenha tido bastante força no Sul e no Sudeste, também; sobre a natureza do município, o candidato do PSL vai melhor entre as grandes cidades, marcadamente na faixa de 200 a 500 mil habitantes, contra Haddad.

Apenas um aspecto da base eleitoral de Bolsonaro atestaria contra a hipótese que sustento aqui, que é a clivagem regional. Isso ocorre porque, como é possível de ser observado (Tabelas 4 e 10), há uma diferença bastante significativa na votação para o candidato do PSL entre a disputa com Lula, captada na pesquisa do Instituto da Democracia e o survey de véspera do Datafolha, em que Haddad é o concorrente: Bolsonaro “troca” a vantagem no Norte, na primeira, por vitórias no Sul e Sudeste, na segunda. Em que pese a queda de votos inválidos e abstenções, não há nenhuma explicação óbvia para este fenômeno, que merece um estudo mais aprofundado e que foge do escopo do presente trabalho.

### **2.2.3 Os outros candidatos**

Para esta investigação, cujo objetivo se concentra em averiguar se ocorreu a “diluição” de votos que eram de Lula entre os demais candidatos, que não Bolsonaro ou Haddad, a hipótese é de que sim, os demais presidenciáveis captaram parte do eleitorado do PT, de março (quando a pesquisa do Instituto da Democracia foi realizada) para outubro (no survey de véspera do primeiro turno do Datafolha). O que será feito para testar a hipótese é o seguinte: os resultados finais do pleito (para o primeiro turno, é claro) mostram que seis candidaturas tiveram mais de 1% de votação além de Bolsonaro e Haddad: Ciro Gomes (PDT), que obteve 12,47% dos votos; Geraldo Alckmin (PSDB), com

4,76%; João Amoêdo (NOVO), com 2,5%; Cabo Daciolo (PATRIOTA), com 1,26%; Henrique Meirelles (MDB), com 1,2% e Marina Silva (REDE), com 1% (Resultado das Eleições 2018: Presidente, 2018), e, portanto, selecionarei estes candidatos, apenas, e farei uma comparação entre as pesquisas do Instituto da Democracia e do Datafolha. Contudo, no caso do survey de março, Cabo Daciolo, Henrique Meirelles e João Amoêdo não estão presentes como possibilidades da pergunta estimulada, o que impede a comparação destes entre os dois momentos, ainda que não seja um problema no que diz respeito a captar de onde suas bases emergem (no caso da pesquisa do Datafolha). Os demais candidatos (que não atingiram o 1% nos resultados oficiais) serão condensados na categoria “outros”.

De início, algumas coisas chamam a atenção: ainda que as características das votações do PT e de Bolsonaro se modifiquem pouco, como dito anteriormente, o candidato do PSL ultrapassa o petista em votos e a soma dos dois primeiros competidores, que no primeiro momento era de cerca de 48%, aumenta para cerca de 58%. Em contrapartida, os votos inválidos e abstenções diminuem de 35% para 10%. Tomados em conjunto esses dados, “sobram” para a disputa dos demais concorrentes cerca de 15% do eleitorado, que, por essa lógica, deixou de votar em “Branco/Nulo” ou “Recusa/Não sabe/Não respondeu” e também não migrou para Bolsonaro ou Haddad. Em termos de pontos percentuais, Marina Silva perde cerca de 2% de seus 4,8% iniciais; Alckmin sobe de 2,5% para 7%; Ciro Gomes dispara de 2,8% para 13,2%.

No que diz respeito às duas primeiras categorias (faixa de renda mensal familiar e escolaridade), se, na pesquisa de março, os demais candidatos não tinham nenhuma diferença significativa em nenhum corte, em outubro (Tabelas 13 e 14, abaixo) a situação parece bastante diferente, com Marina e Alckmin acompanhando Haddad em seus padrões de votação e Ciro mais próximo de Bolsonaro. Assim, Ciro vai melhor entre os mais abastados e com maior grau de escolaridade, com Alckmin e Marina no sentido inverso.

**Tabela 13 – Intenção de voto com os demais candidatos em disputa \* Renda familiar mensal Crosstabulation**

			Renda familiar mensal					Total
			Até 2 SM	De 2 a 5 SM	De 5 a 10 SM	Mais de 10 SM	Recusa/ Não sabe	
Intenção de voto	Bolsonaro	Expected Count	2717,7	2756,6	905,3	367,4	277,9	7025,0
com os demais								

candidatos em disputa	% within Renda familiar mensal	24,6%	41,2%	50,8%	54,8%	21,7%	36,0%
	Adjusted Residual	-26,3	12,3	16,7	12,9	-8,4	
Haddad	Expected Count	1681,7	1705,7	560,2	227,4	172,0	4347,0
	% within Renda familiar mensal	28,9%	19,5%	13,9%	12,2%	25,5%	22,2%
	Adjusted Residual	17,7	-7,5	-10,8	-7,9	2,2	
Ciro Gomes	Expected Count	997,3	1011,6	332,2	134,8	102,0	2578,0
	% within Renda familiar mensal	12,3%	13,9%	14,5%	15,0%	8,4%	13,2%
	Adjusted Residual	-2,8	2,3	2,0	1,7	-4,0	
Alckmin	Expected Count	533,9	541,5	177,8	72,2	54,6	1380,0
	% within Renda familiar mensal	8,7%	6,2%	5,1%	5,0%	9,1%	7,1%
	Adjusted Residual	7,1	-3,9	-4,1	-2,7	2,2	
João Amoêdo	Expected Count	207,0	209,9	68,9	28,0	21,2	535,0
	% within Renda familiar mensal	1,4%	3,0%	5,0%	6,4%	1,2%	2,7%
	Adjusted Residual	-8,9	1,6	7,3	7,3	-2,7	
Cabo Daciolo	Expected Count	96,7	98,1	32,2	13,1	9,9	250,0
	% within Renda familiar mensal	1,6%	1,3%	,8%	,5%	,5%	1,3%
	Adjusted Residual	2,8	,5	-2,1	-2,3	-1,9	
Henrique Meirelles	Expected Count	124,2	126,0	41,4	16,8	12,7	321,0
	% within Renda familiar mensal	1,9%	1,7%	1,2%	,5%	2,1%	1,6%
	Adjusted Residual	2,1	,2	-1,9	-3,0	1,0	
Marina Silva	Expected Count	213,9	217,0	71,3	28,9	21,9	553,0
	% within Renda familiar mensal	3,9%	2,4%	1,5%	1,0%	3,1%	2,8%
	Adjusted Residual	7,3	-2,9	-4,2	-3,7	,5	
Outros	Expected Count	227,9	231,1	75,9	30,8	23,3	589,0
	% within Renda familiar mensal	3,2%	2,9%	3,3%	2,0%	2,3%	3,0%
	Adjusted Residual	1,3	-4	,8	-2,0	-1,1	
Branco/Nulo/	Expected Count	437,2	443,4	145,6	59,1	44,7	1130,0

Nenhum	% within Renda familiar mensal	7,1%	5,3%	3,3%	2,2%	10,1%	5,8%
	Adjusted Residual	6,4	-2,2	-5,8	-5,1	5,2	
	Expected Count	321,5	326,1	107,1	43,5	32,9	831,0
Recusa/Não sabe	% within Renda familiar mensal	6,4%	2,6%	,6%	,6%	16,0%	4,3%
	Adjusted Residual	11,9	-9,2	-9,6	-6,0	16,6	
	Expected Count	7559,0	7667,0	2518,0	1022,0	773,0	19539,0
Total	% within Renda familiar mensal	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Expected Count	7559,0	7667,0	2518,0	1022,0	773,0	19539,0

Sobre os três que não aparecem no survey de março – Cabo Daciolo, Henrique Meirelles e João Amoêdo – os candidatos do PATRIOTA e do PMDB vão no mesmo sentido do petista, ao passo que o do NOVO acompanha a votação de Bolsonaro. Nessa primeira situação, por conseguinte, dois grupos claros se distinguem: Haddad, Meirelles, Daciolo, Marina e Alckmin disputando os votos dos mais pobres e menos instruídos; Bolsonaro, Ciro e Amoêdo alcançando o eleitorado mais abastado e com maior grau de escolaridade.

**Tabela 14 – Intenção de voto com os demais candidatos em disputa \* Escolaridade Crosstabulation**

			Escolaridade					Total
			Analfabeto	Fundamental completo/incompleto	Médio completo/incompleto	Superior completo/incompleto	Pós graduação	
Intenção de voto com os demais candidatos em disputa	Bolsonaro	Expected Count	737,6	1512,2	2974,7	1443,5	354,0	7022,0
		% within Escolaridade	17,9%	27,9%	39,3%	45,6%	40,1%	35,9%
		Adjusted Residual	-18,0	-12,3	8,5	14,3	2,8	
	Haddad	Expected Count	456,5	935,9	1841,1	893,4	219,1	4346,0
		% within Escolaridade	31,3%	28,3%	21,2%	14,6%	17,9%	22,2%
		Adjusted Residual	10,4	10,6	-3,1	-13,0	-3,4	

Ciro Gomes	Expected Count	270,7	554,9	1091,7	529,8	129,9	2577,0
	% within Escolaridade	10,1%	9,2%	13,1%	17,5%	20,0%	13,2%
	Adjusted Residual	-4,3	-8,7	-,3	9,0	6,5	
Alckmin	Expected Count	145,1	297,4	585,0	283,9	69,6	1381,0
	% within Escolaridade	10,9%	9,9%	6,6%	4,0%	3,7%	7,1%
	Adjusted Residual	7,2	8,0	-2,2	-8,6	-4,3	
João Amoêdo	Expected Count	56,1	115,0	226,2	109,8	26,9	534,0
	% within Escolaridade	,8%	,9%	2,0%	6,0%	7,7%	2,7%
	Adjusted Residual	-5,7	-8,3	-5,4	14,1	9,8	
Cabo Daciolo	Expected Count	26,4	54,1	106,3	51,6	12,7	251,0
	% within Escolaridade	,9%	,9%	1,8%	,9%	,8%	1,3%
	Adjusted Residual	-1,7	-2,5	5,5	-2,1	-1,4	
Henrique Meirelles	Expected Count	33,8	69,3	136,4	66,2	16,2	322,0
	% within Escolaridade	,9%	2,1%	1,9%	1,2%	1,1%	1,6%
	Adjusted Residual	-2,7	2,6	2,1	-2,4	-1,3	
Marina Silva	Expected Count	58,2	119,3	234,7	113,9	27,9	554,0
	% within Escolaridade	3,6%	4,0%	2,7%	1,8%	1,5%	2,8%
	Adjusted Residual	2,1	5,2	-,9	-4,4	-2,5	
Outros	Expected Count	61,8	126,6	249,1	120,9	29,6	588,0
	% within Escolaridade	3,2%	3,9%	2,5%	3,0%	2,8%	3,0%
	Adjusted Residual	,4	3,8	-3,4	,1	-,3	
Branco/Nulo/ Nenhum	Expected Count	118,7	243,3	478,7	232,3	57,0	1130,0
	% within Escolaridade	5,8%	6,6%	6,3%	4,4%	3,4%	5,8%

	Adjusted Residual	,0	2,7	2,8	-4,3	-3,4	
Recusa/Não sabe	Expected Count	87,3	179,0	352,0	170,8	41,9	831,0
	% within Escolaridade	14,6%	6,4%	2,6%	1,0%	1,0%	4,3%
	Adjusted Residual	24,6	7,7	-9,9	-11,6	-5,2	
Total	Expected Count	2052,0	4207,0	8276,0	4016,0	985,0	19536,0
	% within Escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Para a variável faixa etária, vale relembrar, apresentamos apenas a tabela análise da pesquisa do Datafolha, já que a do Instituto da Democracia não apresentou significância no teste qui quadrado de Pearson. Dito isso, algumas coisas podem ser retiradas dos dados abaixo (Tabela 15): Ciro Gomes, João Amêdo e Cabo Daciolo vão melhor, proporcionalmente, entre os mais jovens, capturando o eleitorado que nenhum dos dois principais candidatos tiveram sucesso em fazer; Alckmin concentra mais votos entre os mais velhos; Marina Silva e Henrique Meirelles têm uma distribuição mais uniforme de votação entre as faixas etárias.

**Tabela 15 – Intenção de voto com os demais candidatos em disputa \* Faixa etária Crosstabulation**

			Faixa etária					Total
			16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou mais	
Intenção de voto com os demais candidatos em disputa	Bolsonaro	Expected Count	1053,4	1475,1	1474,3	1685,7	1334,5	7023,0
		% within Faixa etária	34,8%	36,2%	38,2%	35,4%	34,8%	36,0%
		Adjusted Residual	-1,4	,3	3,4	-,9	-1,7	
	Haddad	Expected Count	652,0	913,0	912,6	1043,4	826,0	4347,0
		% within Faixa etária	18,3%	22,6%	21,8%	24,2%	23,1%	22,3%
		Adjusted Residual	-5,6	,6	-,9	3,6	1,4	

Ciro Gomes	Expected Count	386,5	541,3	541,0	618,6	489,7	2577,0
	% within Faixa etária	20,4%	14,2%	11,8%	9,9%	12,1%	13,2%
	Adjusted Residual	12,5	2,1	-2,9	-7,8	-2,1	
Alckmin	Expected Count	206,8	289,6	289,5	331,0	262,0	1379,0
	% within Faixa etária	4,9%	5,8%	7,1%	7,8%	9,1%	7,1%
	Adjusted Residual	-4,9	-3,5	,1	2,4	5,4	
João Amoêdo	Expected Count	80,2	112,4	112,3	128,4	101,7	535,0
	% within Faixa etária	4,2%	4,0%	2,3%	2,2%	1,4%	2,7%
	Adjusted Residual	5,2	5,6	-1,8	-2,8	-5,7	
Cabo Daciolo	Expected Count	37,5	52,5	52,5	60,0	47,5	250,0
	% within Faixa etária	2,1%	2,1%	1,2%	,9%	,3%	1,3%
	Adjusted Residual	4,4	5,2	-,5	-2,8	-5,8	
Henrique Meirelles	Expected Count	48,3	67,6	67,6	77,3	61,2	322,0
	% within Faixa etária	1,7%	1,9%	1,6%	1,4%	1,6%	1,6%
	Adjusted Residual	,4	1,6	-,2	-1,6	,0	
Marina Silva	Expected Count	83,1	116,4	116,3	133,0	105,3	554,0
	% within Faixa etária	3,4%	2,5%	2,5%	2,9%	3,0%	2,8%
	Adjusted Residual	1,9	-1,5	-1,4	,4	,8	
Outros	Expected Count	88,3	123,7	123,6	141,4	111,9	589,0
	% within Faixa etária	2,7%	2,9%	2,8%	3,7%	2,7%	3,0%

	Adjusted Residual	-1,1	-,4	-,9	3,3	-1,3	
Branco/Nulo/ Nenhum	Expected Count	169,2	236,9	236,8	270,8	214,3	1128,0
	% within Faixa etária	5,5%	5,8%	6,7%	6,1%	4,5%	5,8%
	Adjusted Residual	-,8	,2	2,8	1,2	-3,8	
Recusa/Não sabe	Expected Count	124,6	174,5	174,5	199,5	157,9	831,0
	% within Faixa etária	1,9%	1,9%	4,0%	5,5%	7,4%	4,3%
	Adjusted Residual	-6,7	-8,2	-1,0	4,9	10,4	
Total	Expected Count	2930,0	4103,0	4101,0	4689,0	3712,0	19535,0
	% within Faixa etária	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Com a variável sexo (Tabela 16), temos mudanças importantes entre os dois surveys, também. No primeiro momento, apenas o candidato do PSL tinha vantagem significativa positiva entre os homens e negativa entre as mulheres, enquanto os demais não se concentravam em nenhum dos cortes (nem mesmo Lula). Em termos de significância estatística proporcional positiva, na pesquisa do Datafolha, todavia, apenas Haddad e Bolsonaro vão melhor entre os homens, ao passo que, entre o eleitorado feminino, Alckmin, Ciro Gomes e Marina Silva têm vitórias estatísticas.

**Tabela 16 – Intenção de voto com os demais candidatos em disputa \* Sexo Crosstabulation**

			Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Intenção de voto com os demais candidatos em disputa	Bolsonaro	Expected Count	3301,5	3722,5	7024,0
		% within Sexo	42,1%	30,5%	36,0%
		Adjusted Residual	17,0	-17,0	
	Haddad	Expected Count	2043,2	2303,8	4347,0
		% within Sexo	23,2%	21,4%	22,3%
		Adjusted Residual	2,9	-2,9	
	Ciro Gomes	Expected Count	1211,3	1365,7	2577,0
		% within Sexo	11,8%	14,4%	13,2%

	Adjusted Residual	-5,5	5,5	
Alckmin	Expected Count	648,6	731,4	1380,0
	% within Sexo	5,9%	8,1%	7,1%
	Adjusted Residual	-6,0	6,0	
João Amoêdo	Expected Count	251,5	283,5	535,0
	% within Sexo	2,6%	2,9%	2,7%
	Adjusted Residual	-1,4	1,4	
Cabo Daciolo	Expected Count	118,0	133,0	251,0
	% within Sexo	1,4%	1,1%	1,3%
	Adjusted Residual	1,9	-1,9	
Henrique Meirelles	Expected Count	151,4	170,6	322,0
	% within Sexo	1,8%	1,5%	1,6%
	Adjusted Residual	1,3	-1,3	
Marina Silva	Expected Count	260,4	293,6	554,0
	% within Sexo	1,8%	3,8%	2,8%
	Adjusted Residual	-8,2	8,2	
Outros	Expected Count	276,4	311,6	588,0
	% within Sexo	2,7%	3,3%	3,0%
	Adjusted Residual	-2,4	2,4	
Branco/Nulo/Nenhum	Expected Count	530,7	598,3	1129,0
	% within Sexo	4,1%	7,2%	5,8%
	Adjusted Residual	-9,2	9,2	
Recusa/Não sabe	Expected Count	390,1	439,9	830,0
	% within Sexo	2,6%	5,7%	4,2%
	Adjusted Residual	-11,0	11,0	
Total	Expected Count	9183,0	10354,0	19537,0
	% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Sobre a variável região (Tabela 17), temos algumas considerações a fazer, também. Para Ciro Gomes, o que era apenas uma vantagem (proporcional) no Sudeste, sem significância nas demais categorias, se tornou uma maior concentração no Nordeste, com derrotas em todas as demais regiões; Alckmin, que não tinha nenhum padrão no primeiro momento, vai melhor no Sudeste e pior no Nordeste em outubro; Marina Silva se destacava no Sudeste e ia mal no Nordeste na pesquisa do Instituto da Democracia, sendo que, no survey do Datafolha, apenas tem menos apoio no Sul, com nenhum resultado de significância adicional. Amoêdo, Daciolo e Meirelles – que não constam na pesquisa de março – também apresentam resultados importantes: o primeiro vai melhor

no Sul e Sudeste de forma significativa estatisticamente e vai mal no Norte e Nordeste; o segundo tem maior intenção apenas no Sudeste, sem outros resultados significantes; o terceiro vai mal no Nordeste, mas concentra uma votação importante no Sudeste. Aqui, em resumo, se destaca o melhor desempenho de Ciro Gomes no Nordeste, sendo este o único candidato a conseguir tal feito além do PT nessa pesquisa; a concentração de votos de Amoêdo, no Sul, seguindo Bolsonaro como os únicos dois a conseguirem pontuações positivas na região; a disputa entre Bolsonaro, Alckmin, Amoêdo, Daciolo e Meirelles no Sudeste, que coloca esta região como mais dividida que as demais, que – no caso da tabela abaixo – têm, no máximo, dois candidatos com vitórias significantes.

**Tabela 17 – Intenção de voto com os demais candidatos em disputa \* Região Crosstabulation**

			Região					Total
			Centro-oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	
Intenção de voto com os demais candidatos em disputa	Bolsonaro	Expected Count	514,1	1877,1	551,5	3057,4	1023,9	7024,0
		% within Região	48,9%	22,1%	35,1%	39,9%	43,5%	36,0%
		Adjusted Residual	10,6	-24,3	-7	10,0	9,1	
	Haddad	Expected Count	318,1	1161,4	341,2	1891,7	633,5	4346,0
		% within Região	14,5%	35,9%	26,3%	16,1%	17,2%	22,2%
		Adjusted Residual	-7,3	27,7	4,0	-18,1	-7,0	
	Ciro Gomes	Expected Count	188,6	688,7	202,3	1121,7	375,7	2577,0
		% within Região	10,1%	18,5%	11,1%	12,3%	8,7%	13,2%
		Adjusted Residual	-3,6	13,3	-2,5	-3,2	-7,6	
	Alckmin	Expected Count	101,1	369,1	108,4	601,1	201,3	1381,0
		% within Região	6,2%	4,1%	6,4%	9,5%	6,0%	7,1%
		Adjusted Residual	-1,3	-9,8	-1,1	11,8	-2,5	
	João Amoêdo	Expected Count	39,2	143,0	42,0	232,9	78,0	535,0
		% within Região	2,0%	1,0%	1,6%	3,9%	3,5%	2,7%
		Adjusted Residual	-1,9	-9,0	-2,8	8,5	2,9	
	Cabo Daciolo	Expected Count	18,4	67,3	19,8	109,7	36,7	252,0
		% within Região	,9%	1,1%	1,6%	1,5%	1,0%	1,3%
		Adjusted Residual	-1,3	-1,1	1,2	2,0	-1,4	
	Henrique Meirelles	Expected Count	23,5	85,8	25,2	139,7	46,8	321,0
		% within Região	1,7%	1,0%	2,2%	1,9%	1,7%	1,6%
		Adjusted Residual	,3	-4,2	1,6	2,4	,4	
Marina Silva	Expected Count	40,5	148,0	43,5	241,1	80,8	554,0	
	% within Região	3,0%	2,7%	3,6%	3,0%	2,0%	2,8%	

	Adjusted Residual	,4	-,5	1,8	1,4	-3,0	
Outros	Expected Count	43,0	157,1	46,2	255,9	85,7	588,0
	% within Região	2,2%	2,0%	2,8%	2,5%	6,7%	3,0%
	Adjusted Residual	-1,8	-4,7	-,5	-3,5	12,5	
Branco/Nulo/ Nenhum	Expected Count	82,6	301,7	88,6	491,4	164,6	1129,0
	% within Região	4,8%	5,7%	5,5%	6,1%	5,7%	5,8%
	Adjusted Residual	-1,6	-,4	-,4	1,6	-,2	
Recusa/Não sabe	Expected Count	60,8	221,8	65,2	361,3	121,0	830,0
	% within Região	5,7%	5,7%	3,8%	3,3%	3,9%	4,2%
	Adjusted Residual	2,8	6,2	-,9	-5,8	-,9	
Total	Expected Count	1430,0	5221,0	1534,0	8504,0	2848,0	19537,0
	% within Região	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Finalmente, sobre a natureza do município, a primeira pesquisa, de março, não representa nenhuma derrota ou vitória significativa para nenhum candidato (exceto Lula) na divisão entre zona urbana ou rural. No survey de outubro, que, vale lembrar, divide os entrevistados entre moradores de região metropolitana ou interior (Tabela 18, abaixo), todavia, a situação muda: Ciro Gomes, Cabo Daciolo, Henrique Meirelles e Marina Silva vão melhor nas capitais, enquanto Alckmin vai melhor no interior, assim como Haddad.

**Tabela 18 – Intenção de voto com os demais candidatos em disputa \* Capital ou interior Crosstabulation**

			Capital ou interior		Total
			Capital e região metropolitana	Interior	
Intenção de voto com os demais candidatos em disputa	Bolsonaro	Expected Count	2822,6	4200,4	7023,0
		% within Capital ou interior	36,4%	35,7%	36,0%
		Adjusted Residual	1,0	-1,0	
	Haddad	Expected Count	1746,7	2599,3	4346,0
		% within Capital ou interior	19,0%	24,5%	22,2%
		Adjusted Residual	-9,1	9,1	
	Ciro Gomes	Expected Count	1035,7	1541,3	2577,0
		% within Capital ou interior	14,7%	12,2%	13,2%

	Adjusted Residual	5,1	-5,1	
Alckmin	Expected Count	554,6	825,4	1380,0
	% within Capital ou interior	6,6%	7,4%	7,1%
	Adjusted Residual	-2,2	2,2	
João Amoêdo	Expected Count	215,0	320,0	535,0
	% within Capital ou interior	2,8%	2,7%	2,7%
	Adjusted Residual	,3	-,3	
Cabo Daciolo	Expected Count	100,5	149,5	250,0
	% within Capital ou interior	1,7%	1,0%	1,3%
	Adjusted Residual	4,2	-4,2	
Henrique Meirelles	Expected Count	129,0	192,0	321,0
	% within Capital ou interior	2,2%	1,3%	1,6%
	Adjusted Residual	4,9	-4,9	
Marina Silva	Expected Count	222,7	331,3	554,0
	% within Capital ou interior	3,6%	2,3%	2,8%
	Adjusted Residual	5,2	-5,2	
Outros	Expected Count	236,3	351,7	588,0
	% within Capital ou interior	2,9%	3,1%	3,0%
	Adjusted Residual	-,5	,5	
Branco/Nulo/Nenhum	Expected Count	453,8	675,2	1129,0
	% within Capital ou interior	6,7%	5,2%	5,8%
	Adjusted Residual	4,6	-4,6	
Recusa/Não sabe	Expected Count	334,0	497,0	831,0
	% within Capital ou interior	3,5%	4,8%	4,3%
	Adjusted Residual	-4,2	4,2	
Total	Expected Count	7851,0	11683,0	19534,0
	% within Capital ou interior	100,0%	100,0%	100,0%

Podemos concluir, conseqüentemente, que a hipótese está correta. Isso acontece já que, em alguma medida, vários candidatos tomam cortes importantes do eleitorado e

crecem nas intenções de voto com isso: Alckmin passa a disputar os cortes de renda mais baixa e eleitores menos instruídos, bem como o voto do interior, pontos fortes de Haddad; Ciro Gomes passa a concentrar mais votos no Nordeste, reduto eleitoral do Partido dos Trabalhadores; Marina, Ciro e Alckmin passam a competir com Haddad (e Bolsonaro) entre as mulheres. Todos esses fatores, em conjunto com a ascensão do candidato do PSL, corroboram para o enfraquecimento do petista.

### 3 CONCLUSÃO

A pergunta feita na introdução deste texto foi: qual a diferença entre as bases eleitorais de Lula e Haddad, candidatos à presidência pela mesma legenda, em um mesmo pleito, mas em momentos diferentes, tendo em vista que o primeiro, de acordo com os institutos de pesquisa da época, ganharia de Bolsonaro, e o segundo perdeu? A respeito desta questão, objetivo central da pesquisa desenvolvida, a hipótese principal foi confirmada, ou seja, Fernando Haddad realmente manteve as características estruturais da base eleitoral de Lula, ainda que em menor proporção. Outro aspecto importante levantado ao longo do texto foi que, diferentemente do que acontecia com o ex-líder sindical, os votos inválidos e, principalmente, abstenções tiveram maior concentração nos cortes nos quais, justamente, Haddad ia bem: na faixa de renda familiar mensal, até 2 salários mínimos; na escolaridade, entre eleitores “Analfabetos” e de “Ensino fundamental completo/incompleto”; no sexo, entre as mulheres (proporcionalmente Haddad não ganhava, mas “perdia menos” que Bolsonaro aqui); na faixa etária, marcadamente, na categoria “entre 45 e 59 anos”; nas regiões, no Nordeste, reduto eleitoral histórico do Partido dos Trabalhadores e, por último, sobre a natureza do município do entrevistado, tanto no tamanho da cidade, o corte de “até 50 mil habitantes”, quanto na sua característica, de “interior” ou “capital e região metropolitana”, com a vantagem de Haddad na primeira, o fenômeno se repete – mais votos de abstenções nos cortes de vitória petista.

Essa situação, é preciso que seja dito, pode ser enviesada em uma série de maneiras que, pela falta do uso de regressões multivariadas, não pude controlar, como o caso de uma só dessas variáveis ser explicativa do evento e influenciar as demais (por exemplo, um cidadão com renda menor tende a ser menos instruído, então uma variável, aqui, poderia “repetir” seu efeito na outra e enviesar a hipótese). Todavia, o que direciona no sentido de a hipótese estar correta é que esses eventos não ocorriam com Lula, ou seja, foram, em alguma medida, decorrentes da substituição do cabeça de chapa do Partido dos Trabalhadores, visto que também estabelecemos, ao longo do trabalho, que outros candidatos se beneficiaram do “vácuo” deixado por Lula nos cortes em que o PT, tradicionalmente, se sai melhor. Assim, a hipótese que sustento como confirmada, dentro das limitações do projeto, é a de que a diferença da base eleitoral de Lula para a de Haddad, que culminou na vitória presidencial de Jair Bolsonaro em 2018, foi fruto de uma dificuldade do PT em transferir o apoio do primeiro para o segundo – especialmente pelo

curto tempo em que Haddad esteve presidenciável pela legenda antes do primeiro turno.

Para as hipóteses secundárias temos o seguinte panorama: a primeira, que coloca que a base eleitoral de Lula (enquanto este concorria) se manteve semelhante às dos pleitos anteriores do PT, foi confirmada; a segunda, que é uma consequência da principal, e propõe que Bolsonaro não teve uma mudança de característica em seu eleitorado, mas apenas aumentou, proporcionalmente, sua votação, também é válida; a terceira, e última, que discute se os outros candidatos da disputa conquistaram, na competição com Haddad, votos que eram, com Lula, do Partido dos Trabalhadores, também se mostra correta.

Em resumo, as quatro hipóteses foram confirmadas, mas volto a ressaltar que, no caso de um aprofundamento maior de estudo, fortemente recomendado aqui, todas podem ser questionadas e analisadas de ângulos diferentes, e, do ponto de vista científico, rediscutidas, se for o caso.

## REFERÊNCIAS

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidatismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 53–89, 2018.

**CONCLUÍDA A TOTALIZAÇÃO DE VOTOS DO 1º TURNO DAS ELEIÇÕES 2018.** [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/concluida-totalizacao-de-votos-do-1o-turno-das-eleicoes-2018>.

FUKS, Mario; RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. From antipetismo to generalized antipartisanship: the impact of rejection of political parties on the 2018 vote for Bolsonaro. **Brazilian Political Science Review**, [s. l.], v. 15, 2020.

G1. **Pesquisa Datafolha: Lula, 39%; Bolsonaro, 19%; Marina, 8%; Alckmin, 6%; Ciro, 5%.** [S. l.], 2018. Site de notícias. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-alckmin-6-ciro-5.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2023.

JUNGE, Benjamin *et al.* Mobility Interrupted: A New Framework for Understanding Anti-Left Sentiment Among Brazil's "Once-Rising Poor". **Latin American Politics And Society**, [s. l.], v. 65, n. 2, p. 1–30, 2022.

NICOLAU, Jairo; PEIXOTO, Vitor. Uma disputa em três tempos: uma análise das bases municipais das eleições presidenciais de 2006. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31., 2007, Caxambu. **Anais dos encontros anuais da ANPOCS**. Caxambu: [s. n.], 2007.

NICOLAU, Jairo. Rio de Janeiro, **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PAIVA, Denise; KRAUSE, Silvana; LAMEIRÃO, Adriana Paz. O eleitor antipetista: partidatismo e avaliação retrospectiva. **Opinião Pública**, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 638–674, 2016.

PESQUISA A CARA DA DEMOCRACIA. In: **Banco de Dados INCT IDDC**. Disponível em: <https://www.institutodademocracia.org/a-cara-da-democracia>.

RAMALHO, Renan; OLIVEIRA, Mariana. **TSE decide por 6 votos a 1 rejeitar a candidatura de Lula a presidente: Ministros consideraram petista inelegível com base na Lei da Ficha Limpa. PT terá 10 dias para substituir candidato. Defesa poderá recorrer ao próprio TSE ou ao STF.** [S. l.], 2018. Site de notícias. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/31/maioria-dos-ministros-do-tse-vota-pela-rejeicao-da-candidatura-de-lula.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2023.

RENNÓ, Lúcio; CABELLO, Andrea. As bases do lulismo: a volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento?. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 25, n. 74, p. 39–60, 2010.

RESULTADO DAS ELEIÇÕES 2018: PRESIDENTE. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/apuracao/resultado-eleicoes-2018/presidente/>.

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julian. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. **Opinião Pública**, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 603–637, 2016.

SAMUELS, David. As bases do petismo. **Opinião Pública**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 221–241, 2004.

SAMUELS, David; ZUCCO, Cesar. Cambridge, **Partisans, antipartisans, and nonpartisans: Voting behavior in Brazil**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SAMUELS, David; ZUCCO, Cesar. Lulismo, Petismo, and the Future of Brazilian Politics. **Journal of Politics in Latin America**, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 129–158, 2014.

SINGER, André. **O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SINGER, André. São Paulo, **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.